

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

A Tradução Jornalística na Reportagem e nos Géneros de Opinião

Mariana Passos e Sousa Marques Afonso

**A Tradução Jornalística na Reportagem
e nos Géneros de Opinião**

Mariana Passos e Sousa Marques Afonso

UMinho | 2017



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Mariana Passos e Sousa Marques Afonso

A Tradução Jornalística na Reportagem e nos Géneros de Opinião

Relatório de Estágio
Mestrado em Tradução e Comunicação Multilingue

Trabalho efetuado sob a orientação das:

Professora Doutora Sílvia Lima Gonçalves Araújo
Professora Doutora Maria Elsa Sousa Costa Silva
Morais

Declaração

Nome: Mariana Passos e Sousa Marques Afonso

Endereço eletrónico: mariana.passosesousa@gmail.com

Telefone: +351 938197279

Número do Cartão de Cidadão: 11721576

Título do relatório: A Tradução Jornalística na Reportagem e nos Géneros de Opinião

Orientadoras: Professora Doutora Sílvia Lima Gonçalves Araújo e Professora Doutora Maria Elsa Sousa Costa Silva Morais

Ano de conclusão: 2017

Designação do mestrado: Mestrado em Tradução e Comunicação Multilíngue

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, / /2017

Assinatura:_____

Agradecimentos

- À Dra. Sílvia Araújo por todo o apoio e motivação que me deu durante o mestrado e na elaboração deste relatório. Sem essa força, todo este trabalho não teria sido possível;
- À Dra. Elsa Silva Morais, pela revisão detalhada, pelas pertinentes questões colocadas e por me ajudar a ver a problemática tratada de um ponto de vista multidisciplinar;
- À Dra. Teresa Sustelo que, numa fase inicial deste trabalho, demonstrou interesse na temática e gentilmente me convidou a visitar o Departamento de Tradução da RTP;
- Aos meus pais, pelo apoio que me têm dado ao longo da vida quando enfrento novos desafios, em particular quando decidi embarcar na aventura de fazer este mestrado;
- À minha irmã, no que diz respeito a aspetos teóricos ligados à tradução;
- A todas as pessoas ligadas ao *Courrier Internacional*: Rui Cardoso, o diretor, que me aceitou como estagiária e que acredita no valor do meu trabalho como tradutora; ao Pedro Cordeiro e à Margarida Mota, com quem lido diretamente no decorrer da minha atividade na revista e à Dulce Salomé, que com a sua enorme simpatia, ajudou imenso em todos os processos de comunicação institucional;
- Aos amigos que fiz durante o mestrado: Manuela, pela sabedoria e resiliência, autênticas lições de vida; Elisabete, pela competência, saber e apoio em muitos desafios académicos; Janison, pelas gargalhadas; Paula, pela presença e partilha de experiência profissional;
- Aos amigos distantes pela geografia, mas sempre próximos: Francisco, por estares lá e por saberes o que é empreender um mestrado; Eduardo, porque a tua sede de conhecimento que me inspira; Leonor, porque manter uma leveza de espírito face a dificuldades é uma arte e tu a dominas; Vera, uma aventureira sensível, sempre uma inspiração e uma grande amiga; Fabio, um impaciente que me ensinou a ter paciência;
- Ao Rae, que em momentos difíceis, nunca me deixou desamparada, com o desejo de que o nosso futuro juntos seja feito do melhor de ambos;
- A todos aqueles que, embora não mencionados por nome, fizeram parte da minha vida neste trajeto académico: obrigada por tudo. Os desafios mudam-nos e não podemos sequer imaginar o quanto. As lições aprendidas ao longo destes quase cinco anos vão acompanhar-me para sempre.

Resumo

O relatório *A Tradução Jornalística na Reportagem e nos Gêneros de Opinião* baseia-se num estágio à distância realizado na revista *Courrier International*, durante o qual foram traduzidos artigos jornalísticos de gêneros informativos, interpretativos e argumentativos – reportagens, artigos de opinião e editoriais – publicados originalmente na imprensa internacional. Para além de relatar brevemente a experiência do estágio, este relatório tem como objetivos apresentar uma visão global dos diferentes estudos sobre tradução jornalística e propor um conjunto de técnicas de tradução aplicadas à tradução nos meios de comunicação social.

Poderá verificar-se que a tradução do texto jornalístico requer operações textuais que, em alguns casos, vão para lá da tradução literal tanto em termos formais como semânticos e que, nesse contexto, o tradutor trabalha fundamentalmente com uma equivalência de sentido que se sobrepõe a uma equivalência linguística. A proposta de técnicas aplicadas à tradução jornalística pode ajudar a definir objetivos e limites para este tipo de tradução específico e a compreender melhor as transformações pelas quais um artigo (ou vários) passa até chegar a um determinado público-alvo.

Palavras-chave: tradução, tradução jornalística, *transediting*, jornalismo, *skopos*

Abstract

The report *A Tradução Jornalística na Reportagem e nos Géneros de Opinião* is based on a remote internship at the Portuguese magazine *Courrier International*, during which international press articles ranging from longform stories, opinion articles and editorials were translated. This report briefly describes the intership experience, presents an overview of the different News Translation studies and suggests a series of translation techniques applied to news translation.

It can be seen that news translation requires textual operations that, in some instances, go beyond literal translation, both formally and semantically. In such context, the translator works mainly with an equivalence of sense that overlaps linguistic equivalence. The proposal of applied translation techniques for news translation may help define goals and set boundaries for this specific type of translation, and help understanding the changes an article (or several) go through until it reaches its target audience.

Keywords: translation, news translation, transediting, journalism, *skopos*

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix
1. Introdução	1
1.1. Breve contextualização sobre a tradução jornalística	1
1.2. Objetivos do relatório	2
1.3. Estrutura do relatório	3
2. Jornalismo e Tradução: uma visão geral	5
2.1. Um olhar sobre a tradução jornalística	5
2.1.1. O conceito de <i>transediting</i>	6
2.1.1.1. <i>Transediting</i> e <i>gatekeeping</i>	9
2.1.1.2. <i>Transediting</i> e localização	12
2.1.1.3. Técnicas de <i>transediting</i>	13
2.1.2. Investigação sobre tradução jornalística em Portugal	16
2.1.3. Investigação sobre tradução jornalística em contexto internacional	21
2.2. Texto jornalístico: da micro à macroestrutura	23
2.2.1. O acontecimento como base da notícia	24
2.2.2. Para a caracterização da escrita jornalística	28
2.2.3. Estruturas do texto jornalístico	30
2.2.3.1. Títulos e subtítulos	30
2.2.3.2. <i>Lead</i> e corpo do texto	30
2.3. Os géneros jornalísticos	32
2.3.1. Os géneros jornalísticos como convenções textuais	33
2.3.2. Caracterização dos géneros jornalísticos	34
2.3.2.1. Os géneros informativos	36
2.3.2.2. Os géneros interpretativos	37
2.3.2.3. Os géneros argumentativos	37
3. A tradução jornalística: apresentação de um estudo de caso	39
3.1. A revista <i>Courrier International</i> : apresentação da entidade acolhedora	40
3.2. A tradução jornalística: uma proposta de análise	41

3.2.1. Em torno da reportagem	42
3.2.1.1. Reportagem objetiva: “A revolução digital que não aconteceu”	42
3.2.1.2. Reportagem interpretativa: “O amor só dura o tempo de um toque ou O amor só toca uma vez”	50
3.2.2. Acerca do artigo de opinião e do editorial: “Uma democracia sequestrada” e “Uma direita à deriva, sem rumo nem timoneiro”	54
4. Considerações finais	63
5. Referências bibliográficas.....	67
9. Índice remissivo.....	71

Índice de figuras

Figura 1: Esquema representando o processo de <i>gatekeeping</i> , segundo Shoemaker	10
Figura 2: Técnicas de tradução propostas por Hernández Guerrero associadas aos exemplos de Bani.....	15
Figura 3: <i>Transediting</i> e técnicas de tradução de Hernández Guerrero	16
Figura 4: Pirâmide invertida	32
Figura 5: Construção por blocos.....	32

Índice de tabelas

Tabela 1: Tipologias textuais de Reiss.....	34
Tabela 2: Classificação de géneros de Martínez Albertos.....	36
Tabela 3: Classificação de géneros de Martínez Albertos associada às tipologias textuais de Reiss	42
Tabela 4: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com amplificação linguística	44
Tabela 5: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com compressão linguística....	44
Tabela 6: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com amplificação linguística	44
Tabela 7: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com elisão.....	45
Tabela 8: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional e cultural com compressão e amplificação linguística	46
Tabela 9: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística	47
Tabela 10: Anexo VI – Artigo 1 – Exemplo de <i>transediting</i> cultural e situacional com amplificação linguística e elisão.....	48
Tabela 11: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística e elisão.....	49
Tabela 12: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística..	49
Tabela 13: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com amplificação linguística	49
Tabela 14: Anexo VI – Artigo 1 – Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística.	50

Tabela 15: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística ...	51
Tabela 16: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística ...	51
Tabela 17: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com amplificação linguística	52
Tabela 18: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística....	52
Tabela 19: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística ...	53
Tabela 20: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com compressão linguística ...	54
Tabela 21: Anexo IV – Artigo 3 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com amplificação linguística	56
Tabela 22: Anexo IV – Artigo 3 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com compressão linguística	56
Tabela 23: Anexo IV – Artigo 3 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística..	57
Tabela 24: Anexo IV – Artigo 3 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística .	58
Tabela 25: Anexo IV – Artigo 3 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística ..	59
Tabela 26: Anexo IV – Texto 3 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com elisão e amplificação linguística	59
Tabela 27: Anexo VI – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com amplificação linguística	60
Tabela 28: Anexo VI – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com amplificação linguística	61
Tabela 29: Anexo VI – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> cultural com amplificação linguística ..	61
Tabela 30: Anexo VI – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com amplificação linguística	62
Tabela 31: Anexo VI – Artigo 2 - Exemplo de <i>transediting</i> situacional com amplificação linguística	62

1. Introdução

O papel que a tradução desempenha nos meios de comunicação social tem começado a ganhar gradualmente importância na disciplina dos Estudos de Tradução, ao longo da última década. Neste relatório, pretende abordar-se como é que se processa a tradução na reportagem e nos artigos de opinião, com base na minha experiência como tradutora na revista *Courrier International*, no âmbito de um estágio curricular.

1.1. Breve contextualização sobre a tradução jornalística

As agências noticiosas internacionais distribuem informações sobre acontecimentos que tiveram lugar em diferentes partes do mundo; canais de televisão especializados em informação são transmitidos para audiências de milhões; o ciclo noticioso atualmente dura 24 horas, ininterruptamente durante sete dias por semana (Bielsa & Bassnett, 2008: 10), sem esquecer a importância que a Internet tem na disseminação de informação. É através da tradução que a informação noticiosa é disponibilizada para lá das fronteiras geográficas de onde se deu um determinado acontecimento (Schäffner *apud* Bielsa & Bassnett, 2008: 11). Bielsa Malet (2010: 163) argumenta que a tradução sempre foi um elemento central na produção global de notícias, salientando o exemplo da agência Havas (predecessora da *Agence France Presse*), fundada em 1832 como uma agência de tradução e posteriormente convertida em agência noticiosa. No entanto, se a disciplina de Estudos de Tradução não se debruçou sobre o fenómeno da tradução nos meios de comunicação, do lado da disciplina de Sociologia da Comunicação Social não houve interesse em investigar os processos linguísticos que levam a informação a transpor fronteiras.

A autora considera que o desinteresse na área dos Estudos da Tradução sobre o fenómeno se deve a duas razões: a tradução nos meios de comunicação é usualmente realizada por jornalistas e não por tradutores, além do que os seus processos não se encaixam num paradigma que, até há pouco tempo, estava ancorado na noção de equivalência ao texto de partida. O texto jornalístico é uma produção coletiva, muitas vezes sem uma autoria específica; a exigência de que o texto se adapte por completo ao público-alvo leva a que este sofra uma reescrita radical, sendo que muitas vezes nem sequer há um único texto de partida, mas sim um texto de chegada elaborado a partir de diversos textos (Bielsa Mialet, 2010: 163-165).

Recentemente, a tradução nos meios de comunicação – à qual podemos chamar tradução jornalística, ou *news translation*, o termo utilizado por vários autores – tem sido abordada desde vários pontos de vista: o papel que o tradutor desempenha, em relação ao trabalho do jornalista e *vice-versa* (Bielsa & Bassnett, 2008; Cioca, 2013; Cruz, 2016; Hilário, 2014; Lavault-Olléon & Sauron, 2009; Mohan, 2011; Zipser & Polchlopek, 2009); como se realiza a tradução jornalística, em relação à tradução noutras áreas especializadas (Bani, 2006; Branco, 2011; Comănesci, 2011; Davies, 2006; Ferreira, 2015; J. Ferreira, 2013; Gambier, 2006; Hernández Guerrero, 2005, 2006; Hursti, 2001; Linder, 2013; Orengo, 2005; Schäffner, 2012; Schrijver, Van Vaerenbergh, & Van Waes, 2012; Van Doorslaer, 2009; Vuorinen, 1997) e aspetos relacionados com a ética do tradutor que trabalha na tradução de informação noticiosa (Cruz, 2016; Floros, 2012; Jeanrenaud, 2007).

1.2. Objetivos do relatório

Este relatório tem três objetivos:

- . apresentar uma visão global dos diferentes estudos sobre tradução jornalística,
- . resumir as suas propostas, para depois se debruçar sobre a tradução jornalística de dois tipos de artigos específicos - a reportagem e o artigo de opinião – e
- . exemplificar uma série de técnicas de tradução para este tipo de tradução, a partir do conceito de *transediting* e da investigação realizada por Hernández Guerrero (2005) sobre a tradução dos géneros jornalísticos.

Estas questões surgiram por duas razões:

- . em primeiro lugar, o *Courrier International* publica reportagens e artigos de opinião;
- . em segundo lugar, e como se poderá verificar na revisão da literatura, é dada muita atenção à tradução de notícias na sua estrutura clássica (*lead* + corpo de texto), publicadas ou em meio *online*, ou em jornais diários. Esta estrutura clássica não é seguida em reportagens e artigos de opinião.

A tradução de notícias implica frequentemente uma reescrita do artigo original, a ponto de o texto final não se lhe assemelhar. Embora também haja edição dos textos de reportagens e artigos de opinião, esta não é tão acentuada. Reportagens e artigos de opinião são usualmente textos de autor; em contrapartida, uma notícia pode não ter uma autoria explícita. A própria

estrutura da notícia, mais rígida, com um conteúdo que se cinge a factos, pode ser mais facilmente cortada ou modificada em termos textuais. Então, o que é que acontece quando se traduz uma reportagem ou um artigo de opinião? Quais os elementos do artigo que mais alterações sofrem? Porque é que estas alterações são feitas? Que influência têm no artigo que é publicado?

1.3. Estrutura do relatório

O estudo prático de como se realiza a tradução nestes tipos de textos é baseado num estágio de seis meses na revista portuguesa *Courrier Internacional*, entre janeiro de 2014 e agosto de 2014. Este estágio deu origem a uma colaboração permanente que se mantém até à data de elaboração do presente relatório.

Será apresentada uma análise contrastiva de quatro artigos traduzidos no âmbito do estágio. A análise contrastiva inclui três línguas de trabalho. A opção de apresentar a análise contrastiva em três línguas prende-se com o facto de o artigo que é enviado ao tradutor que colabora com o *Courrier Internacional*, na maior parte dos casos, vir já traduzido em francês por um tradutor que trabalha para a revista *Courrier International* francesa, da qual a edição portuguesa origina. Nos casos em que tal foi possível, foi feita uma pesquisa pelo artigo na língua original e foi feita uma comparação entre a língua 1, a língua 2 (francês) e a língua 3 (português). A conclusão apresentará as observações resultantes da análise contrastiva.

2. Jornalismo e Tradução: uma visão geral

Tanto em Portugal como no estrangeiro, a tradução jornalística tem vindo a suscitar interesse ao longo da última década na disciplina dos Estudos de Tradução. Têm sido realizados trabalhos de investigação sobre a forma como se traduz nos meios de comunicação e sobre as técnicas de tradução mais comuns. A tradução jornalística surge como uma tradução funcionalista, em que a adaptação do texto de partida à cultura de chegada é o objetivo mais importante e na qual se entrelaçam conceitos como a localização, *gatekeeping* e *transediting*.

2.1. Um olhar sobre a tradução jornalística

Existe um largo corpus de estudos sobre tradução jornalística, cujos principais ângulos de abordagem passam por três questões:

- a tradução como *gatekeeping*, ou selecção da informação no texto-alvo,
- a aplicação dos modelos tradicionais de tradução e
- a questão da definição de tradução propriamente dita no âmbito da tradução jornalística (Floros, 2012: 4).

Bani (2006: 35-36) argumenta que a tradução jornalística é um conceito difícil de definir, já que embora seja uma prática habitual nos meios de comunicação social, reveste-se de características que desafiam os limites da tradução como esta tradicionalmente se entende. Bani (2006) refere que a reescrita radical que os textos sofrem, desde *press releases* até reportagens assinadas ou anónimas, passando pela variedade de textos em língua estrangeira que são traduzidos e amalgamados num artigo e também a própria extensão do público-alvo (aqui, entende-se público-alvo como os leitores nativos de uma determinada língua), são exemplos de como é difícil definir a tradução jornalística em termos da tradução em geral. Esperança Bielsa e Susan Bassnett (2008: 104) argumentam que o objetivo da tradução jornalística é adaptar textos às necessidades de diferentes públicos, organizando e contextualizando com recurso a uma “subtil reescrita”, de forma a amplificar a eficiência do texto original no novo contexto.

No final dos anos 80, surgiu uma tentativa de abordar a questão, com a apresentação do conceito de *transediting* por Stetting (1989), durante a 4ª Conferência Nórdica de Estudos Ingleses (Schäffner, 2012: 867). Desde então, vários estudos surgiram no âmbito da tradução jornalística: (Aktan & Nohl, 2010; Branco, 2011; Comănesci, 2011; Davies, 2006; Floros, 2012; Gambier,

2006; Ghignoli & Ortiz Montabes, 2014; Hung, 2005; Jeanrenaud, 2007; Linder, 2013; Orengo, 2005; Van Doorslaer, 2009).

Stetting (1989) definiu *transediting* como um conjunto de processos de tradução que pressupõem alterações no texto de chegada, para que corresponda às expectativas do público ao qual a tradução se destina – ou seja, que o texto não pareça estranho ao público da cultura-alvo. Vuorinen (1997) e Hursti (2001) associam os processos de *transediting* apresentados por Stetting ao conceito de *gatekeeping* que, segundo Hursti (2001), consiste essencialmente em seleção de acontecimentos noticiosos. Schrijver (2012) analisa as técnicas de *transediting* noutras áreas da tradução que não a tradução jornalística, para as tentar definir e delimitar. Guerrero (2006) propõe uma série de técnicas de tradução aplicadas aos géneros jornalísticos, que estão próximas das propostas de Hursti (2001) e ligadas à noção de *gatekeeping*. Este conceito, assim como as técnicas de tradução referidas (amplificação linguística, compressão linguística e elisão), serão descritas com maior detalhe no ponto 2.1.1. e aplicadas à análise dos textos traduzidos para a revista *Courrier International*.

O trabalho de investigação realizado por Esperança Bielsa e Susan Bassnett (2008), no âmbito do projeto “Translation in Global News” da Universidade de Warwick, mostra quais são as práticas de tradução em três grandes agências noticiosas: *Reuters*, *Agence France Presse* e *Inter Press Service*. As autoras afirmam que a tradução jornalística não é tradução como normalmente esta se entende, ou seja, uma transferência interlinguística de um texto de partida bem definido para um texto de chegada, cujo autor está identificado, tal como o tradutor, sem uma reescrita radical do texto de partida, de forma a que o público interiorize o texto como sendo original. Bassnett e Bielsa (2008: 132) defendem que o processo de tradução, neste caso, pode incluir transferência interlinguística, mas o foco da tradução não é a transferência linguística, mas sim a transposição de informação num formato que vá de encontro às exigências dos leitores.

2.1.1. O conceito de *transediting*

O termo *transediting* foi introduzido por Stetting, em 1989 (*apud* Schäffner, 2012: 867). *Transediting* é uma forma de descrever o processo através do qual o tradutor adapta o texto de partida, tendo em mente o público ao qual a tradução se destina. Stetting argumenta que, na tradução, há sempre elementos de edição: o tradutor adapta medidas, distâncias e formatos de data, omite elementos do texto que não são relevantes e corrige erros do texto de partida. Para

Chen (2011: 120), *transediting* é “um tipo especial de tradução”, que funciona como uma forma de mediação intercultural. Schrijver (2012: 100) descreve *transediting* como o “desvio consciente” do texto de partida, que ultrapassa os limites da tradução, sendo predominantemente utilizado em textos não-literário (Schrijver et al., 2012: 100).

Stetting (*apud* Schäffner, 2012: 868) propõe três tipos de *transediting*:

- *Cleaning-up transediting* (*transediting* de correção), que define como “adaptação a um padrão de eficiência expressivo”;
- *Situational transediting* (*transediting* situacional), a “adaptação do texto traduzido a um novo contexto social na sua nova função”;
- *Cultural transediting* (*transediting* cultural), a “adaptação às necessidades e convenções da cultura de chegada”;

Estes três tipos de *transediting* podem ser descritos da seguinte forma:

- . o *transediting* de correção é feito quando o texto de partida precisa de ser corrigido e acontece a nível micro-linguístico (frases) e a nível macro-linguístico (parágrafos);
- . o *transediting* situacional é feito quando o texto de partida tem de ser adaptado a uma nova função textual, ou a funcionalidade textual tem de ser ampliada;
- . por fim, o *transediting* cultural é feito quando é necessário adaptar o texto às convenções e expectativas textuais e culturais do público-alvo (Schrijver et al., 2012)

Schäffner (2012) argumenta que o conceito de *transediting* proposto por Stetting surge porque a tradução não é apenas uma operação de transformação linguística de um elemento textual de uma língua para outra. No caso de uma notícia, esta pode ser escrita numa língua e reescrita em várias línguas, para ser vendida por uma agência noticiosa a meios de comunicação em qualquer parte do mundo (Orengo, 2005: 177) Não se pode definir este processo como tradução, no sentido de haver uma correspondência entre palavras e frases de um texto de partida e de um texto de chegada (Bassnett, 2005: 125).

Esta perspetiva pode enquadrar-se na teoria funcionalista da tradução (*Skopos*), proposta por Vermeer (1986), Reiss (2002) e Nord (2006), que postula que o fim a que o texto de chegada se destina e a sua função vão definir a estratégia de tradução a utilizar. Assim, a subjetividade do tradutor guia-o no processo de tradução, permitindo-lhe tomar decisões relativamente ao texto de partida, tendo em conta a cultura-alvo (Chen, 2011: 120).

Nord (*apud* Branco, 2011: 53, tradução minha) define tradução como “a produção de um texto de chegada funcional, que mantém uma relação com um determinado texto de partida, especificado de acordo com a função intencional ou exigida pelo texto de chegada”. A autora (2006: 35, tradução minha) descreve a tradução como “uma atividade que facilita a comunicação entre pessoas que pertencem a diferentes comunidades linguísticas e culturais [...]”, colocando o tradutor no papel de alguém que faz parte de uma interação comunicativa, cujo objetivo é derrubar as barreiras linguísticas e culturais. Vermeer (2002) admite que possa haver grandes variações entre o texto de partida e o texto de chegada, para que a tradução cumpra o seu objetivo:

“Os textos de partida e de chegada podem divergir consideravelmente um do outro, não só na sua formulação e distribuição de conteúdo, mas também no que diz respeito aos objetivos traçados para cada um deles, nos termos em que a organização do conteúdo é de facto determinada.” (Vermeer *apud* Branco, 2011: 57, tradução minha).

Assim, Nord (2006: 33) defende que a tradução deve ter em conta o fim a que o texto alvo se destina, determinando a escolha do método de tradução por parte do tradutor. A latitude que o tradutor possui faz parte da sua competência profissional como mediador cultural e, desempenhando esse papel, o tradutor deve lealdade ao cliente e ao público-alvo. A autora afirma também que o conceito de “lealdade” pode substituir a noção de fidelidade ao texto, já que esta diz respeito à semelhança intertextual entre o texto de partida e o texto de chegada, sem que essa semelhança tenha em conta a intenção comunicativa do texto, ou as expectativas do público-alvo. Esta é uma perspetiva que está próxima do conceito de “equivalência de efeitos” (Bielisa & Bassnett, 2008: 8, tradução minha).

Reiss (2002: 41) descreve a tradução como uma forma de re-expressão de um texto numa língua de partida para uma língua de chegada, por oposição àquilo que se pode entender como uma tradução “normal”, ou seja, uma tradução literal e equivalente. Na mesma linha de Nord, Reiss afirma que o tradutor deve analisar o texto a traduzir, de forma a escolher o melhor método e técnicas de tradução a aplicar. Dependendo do objetivo da tradução, ou o tradutor é fiel ao público-alvo (aculturação), ou o tradutor é fiel ao texto original (manutenção de termos estrangeiros no texto de chegada, ou seja, ‘estrangeirização’), sendo a língua o ponto de referência entre ambos os textos e a função que esta desempenha o aspeto a considerar pelo tradutor.

Bassnett (2005: 120-121) afirma que a aculturação aproxima o texto da cultura de chegada, enquanto a ‘estrangeirização’ assinala intencionalmente o texto como um elemento externo a essa cultura. No caso da tradução jornalística, manter elementos externos à cultura de

chegada não é exequível, porque o objetivo do texto é informar de forma simples e direta e a ‘estrangeirização’ torna-se um impedimento à compreensão: “A aculturação é essencial na notícia. Pode haver bases para argumentar contra a aculturação na literatura, mas [...] a ‘estrangeirização’ é um impedimento à compreensão.” (Bassnett, 2005: 127, tradução minha). Ou, como argumenta Comănesci (2011: 3), a tradução jornalística é um processo orientado para um objetivo, que opera segundo uma série de normas e convenções adequadas ao público-alvo. No caso específico da tradução jornalística, Stetting (1989) refere:

“A reescrita acontece a um nível diferente, entre a edição e a tradução. Frequentemente, um jornalista tem de recolher material noutras línguas. Isso acontece especialmente em países cuja língua não é usada internacionalmente. Neste caso, o conhecimento de línguas estrangeira é uma prioridade, porque a orientação internacional é uma necessidade e os jornalistas trabalham com uma grande variedade de material escrito numa língua que não é a sua, cuja informação vão processar em artigos escritos na sua língua materna. Noutros casos, os artigos são simplesmente comprados e traduzidos, com uma quantidade relevante de edição realizada, para que se adaptem ao novo grupo de recetores. Várias vezes, esse trabalho é realizado pela mesma pessoa, em todas as fases do processo” (Stetting *apud* Schäffner, 2012: 869, tradução minha).

A abordagem à tradução jornalística pode então ser considerada uma abordagem funcional, na qual, mais importante do que a fidelidade ao texto original, é a fidelidade ao público.

2.1.1.1. *Transediting e gatekeeping*

O conceito de *gatekeeping* foi criado por Lewin em 1947, designando um processo de transmissão de informação através de canais, através dos quais a informação passa ou é bloqueada por indivíduos ou grupos. Estes agentes, denominados de *gatekeepers* (porteiros), selecionam a informação que passa ou não para os agentes seguintes. White, em 1950, aplicou o modelo de Lewin aos fluxos de notícias dentro dos órgãos de informação, para tentar perceber como é que funciona o processo de seleção de notícias e que são os agentes que tomam as decisões sobre o que é publicado ou não (Wolf, 1987: 180-183).

Em 1988, Fujii (*apud* Vuorinen, 1997: 164) investigou como é que o tradutor funciona como um *gatekeeper* no processo de produção de notícias. As suas conclusões demonstraram que o tradutor realiza uma série de operações textuais no âmbito do seu trabalho, que consistem

em eliminação, alteração e adição textuais, para além de alterações na estrutura do texto de partida. Fujii questiona se estas operações são um extravasar de funções por parte do tradutor e até mesmo uma quebra da sua ética profissional, já que se espera que o tradutor seja fiel ao texto de partida e que produza uma tradução que seja lhe equivalente. Apesar de usar o estudo de Fujii como base, Vuorinen considera que o tradutor que trabalha para um órgão de notícias tem legitimidade para ser um *gatekeeper* e que é inevitável que o seja. Em primeiro lugar, porque não se pode isolar o tradutor dos fatores subjetivos que o influenciam e, em segundo lugar, porque é questionável que uma tradução “pura”, em que o texto de partida e o texto de chegada sejam completamente equivalentes, exista (Vuorinen, 1997: 170). Hursti (2001) argumenta que *transediting* e *gatekeeping* são “faces da mesma moeda”, pois em ambos os casos há manipulação textual e informativa para criar um novo artigo.

O papel do tradutor no processo de *gatekeeping* é explorado em particular por Vuorinen, a partir do modelo de *gatekeeping* proposto por Pamela J. Shoemaker (*apud* Vuorinen, 1997: 165-169). Shoemaker propõe que o *gatekeeping* acontece a cinco níveis: a nível individual, nas rotinas de comunicação, a nível organizacional, a nível social e dentro do sistema social em que a organização se encontra.

Visto de uma perspetiva geral, dentro das organizações, há *gatekeepers* individuais que interagem com outras organizações e com agentes externos, filtrando a informação que entra e que sai. Essa informação circula ou para uma outra organização, ou diretamente para o público. No esquema que se apresenta em seguida, que é proposto por Shoemaker (*apud* Vuorinen, 1997: 166), é possível ver as influências externas (nos retângulos acima e nas setas exteriores) e as

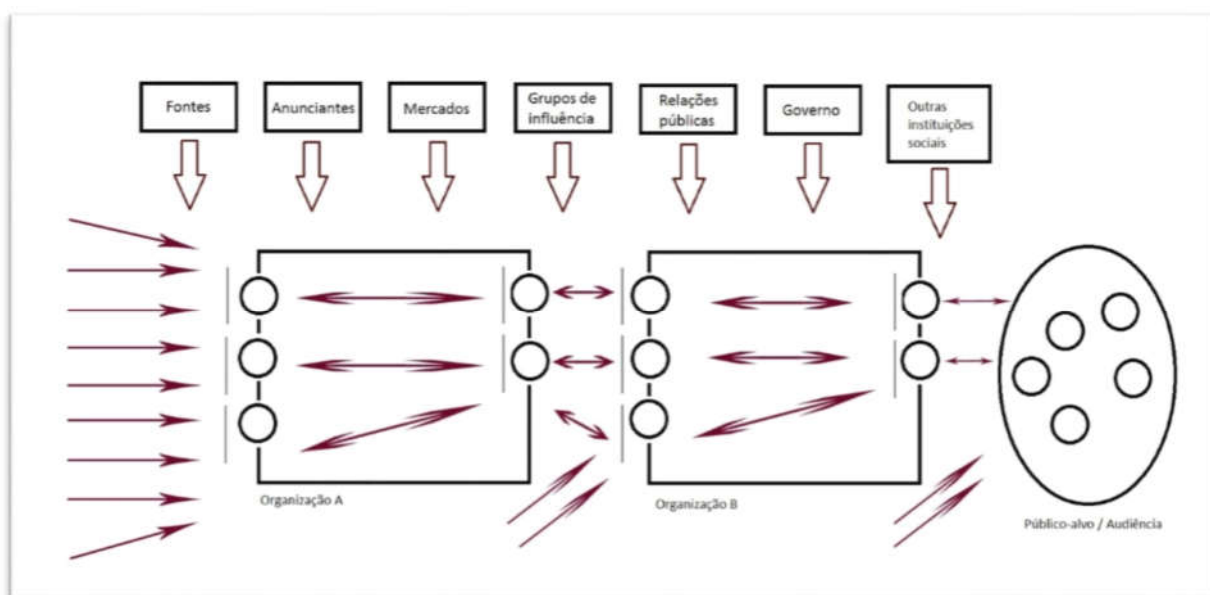


Figura 1: Esquema representando o processo de *gatekeeping*, segundo Shoemaker

influências internas (representadas pelas setas no interior dos quadrados, que representam as organizações de comunicação social).

Assim, uma informação é transmitida a um indivíduo de uma organização (um órgão de comunicação social ou uma agência noticiosa) e este decide deixar passar essa informação por um “portão”, representado pela barra cinzenta na imagem. Dentro da organização, essa informação é transmitida a outro decisor, que a deixa ou não passar pelo seu “portão”, transmitindo-a a outra organização, ou diretamente ao público, representado no grupo à direita. Segundo Vuorinen (1997: 167), os transmissores intermediários da informação dentro da organização fazem seleções e moldam a informação conforme a mensagem que desejam. Um exemplo relacionado com o trabalho do tradutor associado a um meio de comunicação social pode ser quando este recebe um texto preparado para ser traduzido por um jornalista intermediário, faz a tradução e transmite-a a um outro *gatekeeper* que pode ainda alterar a mensagem ou transmiti-la diretamente ao público-alvo.

O processo de *gatekeeping* é um processo dinâmico de fluxos de informação dentro de e entre órgãos de informação, em que a ideologia e cultura estão sempre presentes (Vuorinen, 1997: 166). Segundo Wolf, os fatores que determinam a seleção de informação e elaboração da mensagem que chega ao público têm que ver com normas ocupacionais, profissionais e organizacionais, sobrepondo-se a preferências pessoais (Wolf, 1987: 181). Isto quer dizer que a informação não é selecionada segundo normas totalmente subjetivas, mas com base em elementos relacionados com a natureza dos meios de comunicação, como os valores-notícia (Robinson apud Wolf, 1987: 181), cuja exposição detalhada se encontra no ponto 2.2.1. No entanto, trata-se de um processo com várias influências, sendo que a todas as elas se sobrepõem normas profissionais ditadas pelos meios de comunicação social (Shoemaker apud Vuorinen, 1997: 168-169, tradução minha):

“O *gatekeeper* individual tem coisas de que gosta ou que detesta, opiniões sobre a natureza do seu trabalho, formas de pensar acerca de um problema, estratégias preferidas para a tomada de decisões e valores que influenciam a decisão de escolher ou rejeitar (e moldar) uma mensagem. Contudo, o *gatekeeper* não é totalmente livre de fazer escolhas segundo os seus impulsos. Deve funcionar dentro dos constrangimentos das rotinas de comunicação, fazendo as coisas de determinada forma. Tudo isto tem de acontecer dentro do enquadramento do órgão de comunicação, que tem as suas próprias prioridades e que, ao mesmo tempo, está constantemente a ser fustigado por forças de influência externas.

E claro que nenhum destes protagonistas – o indivíduo, a rotina, a organização ou a instituição social – podem escapar ao facto de que estão ligados ao sistema social e que dele se alimentam.”

2.1.1.2. *Transediting* e localização

Orengo (2005: 170) vai para lá do conceito de *transediting* e propõe o alargamento do conceito de localização à tradução jornalística. Para este autor, a notícia é um produto disseminado a partir de uma rede global de instituições (agências noticiosas) para uma audiência global que, paradoxalmente, tem a expectativa que a notícia lhe seja próxima. Gambier (2006) utiliza o termo “localizado” ao referir-se à variedade de publicações disponíveis em versões multilingues¹. Segundo a *Localisation Standards Industry Association* (LISA), a localização é o ato de adequar um produto para que este seja linguisticamente e culturalmente apropriado para um determinado *locale* onde será usado e vendido (Hatim & Munday, 2004: 113).

Para Pym (2009), a localização não é uma teoria, mas sim uma prática da indústria das línguas, que consiste em preparar um produto para um *locale*. Localizar um produto é um trabalho de equipa, da qual o tradutor faz parte, e pressupõe a internacionalização de um produto, para que este possa ser adaptado para diversos *locales*. Nesta preparação, a tradução é uma parte do processo, sendo que outros elementos de adaptação do produto consistem noutras alterações extratextuais a cargo de outros especialistas (Hatim & Munday, 2004: 113). Pym (2009: 126, tradução minha) sugere que a tradução jornalística pode ser um exemplo de como a prática de localização não se circunscreve apenas às novas tecnologias:

“[...] Consideremos, por exemplo, a forma como as notícias internacionais são escritas e traduzidas. Dá-se um acontecimento, que é noticiado por uma fonte; os textos produzidos são recolhidos e colocados num formato de um serviço de notícias internacionais, como a [agência] Reuters; essas versões ‘internacionalizadas’ são então localizadas por jornais, rádios, estações de televisão e sítios *web*, em alguns casos com recurso a tradução interlinguística, todos com adaptação. [...]”

¹“Atualmente, há versões localizadas de diferentes jornais e revistas. [...] O que fica na mesma em todas estas versões localizadas?” (Gambier, 2006: 16, tradução minha).

²Um *locale* é um conjunto de parâmetros linguísticos, económicos e culturais, nos quais o produto localizado vai ser utilizado (Pym, 2009: 121).

De forma similar, Gambier (2006: 14, tradução minha) argumenta que, nas agências de notícias internacionais, um texto não pode ser escrito com recurso a elementos culturais demasiado específicos, porque esse texto vai ser exportado para todo o mundo, tal como uma aplicação de *software*. “[...] é necessário produzir um texto culturalmente aceite por todos, em todo o lado. Toda a informação deve ser acessível a tradutores/localizadores estrangeiros, independentemente da sua bagagem cultural.

2.1.1.3. Técnicas de *transediting*

Como já foi referido, existem três tipos de *transediting*: *transediting* de correção, situacional e cultural. Estas operações textuais são efetuadas na tradução do texto de partida para o texto de chegada recorrendo a técnicas que o tradutor emprega para criar um texto que corresponda às normas culturais e expectativas do público-alvo.

Embora Stetting não tenha definido se o conceito de *transediting* era um método de tradução ou uma estratégia de tradução (Schrijver *et al.*, 2012), é possível enquadrá-lo como um método e as subseqüentes operações textuais como técnicas de tradução.

Molina e Hurtado Albir (2002) propõem que se faça uma distinção entre método de tradução e técnicas de tradução, ao descrever o método como uma escolha global que afeta toda a tradução e a técnica de tradução como uma forma de descrever o resultado do método utilizado. As técnicas de tradução são procedimentos utilizados para analisar e classificar como funciona a relação texto de partida/texto de chegada, dependendo de vários fatores intra e extratextuais, como o tipo de texto, o tipo de tradução, o método utilizado e o objetivo da tradução. As técnicas utilizadas numa tradução vão afetar o resultado da tradução, atuando em microunidades do texto, sendo discursivas, contextuais e funcionais (Molina & Hurtado Albir, 2002: 507). Sendo a tradução jornalística uma tradução funcional, porque o texto de chegada é um texto que cumpre uma função informativa, o tradutor procura criar um texto que seja aceite pelo público-alvo. Recorrendo ao método de *transediting*, várias técnicas são aplicadas.

Hernández Guerrero (2006) utiliza também o termo “técnicas de tradução” proposto por Hurtado Albir para definir os procedimentos utilizados pelo tradutor no contexto específico da tradução jornalística. Hernández Guerrero chama a atenção para a mudança sociocultural pela

qual o texto jornalístico passa e que pode ser associada ao conceito de *transediting* cultural ³. Assim, Hernández Guerrero (2006: 132-135) propõe três técnicas específicas de tradução jornalística:

- *Amplificação linguística*: introdução de informação que não faz parte do texto de partida. Esta técnica utiliza-se quando é necessário atualizar informação, explicar um facto descrito no texto de partida, ou quando é necessário contextualizar o leitor relativamente a um assunto;
- *Compressão linguística*: corte de informação no texto de partida, implicando reescrita ou uma mudança de discurso;
- *Elisão*: corte de informação presente no texto de partida, por não ser relevante no texto de chegada.

Bani (2006: 42, tradução minha) refere técnicas semelhantes, adotando o termo “estratégias de tradução de elementos culturais”, dividindo-as em dois grupos: estratégias intratextuais e estratégias extratextuais. As estratégias intratextuais que enumera são as seguintes:

- *Cortes ou resumos*: se o elemento cultural não é relevante, é eliminado ou resumido;
- *Inclusão de explicações*: o elemento cultural é parafraseado ou inserido no texto de chegada, como se fizesse parte do texto de partida;
- *Generalização*: o elemento cultural é reescrito, de forma a ser entendido de uma forma mais geral;
- *Substituição*: o elemento cultural é substituído por um elemento análogo que mais facilmente pode ser entendido pelo público-alvo.

No que diz respeito às estratégias extratextuais, Bani (2006: 42-43, tradução minha) refere as seguintes:

- *Entretítulos*: servem para explicar um conceito cultural, encontrando-se entre a dimensão contextual e a dimensão textual;
- *Imagens*: a inserção de imagens facilita a compreensão da leitura;

³ “A mudança sociocultural exige, como referido no ponto 3, a intervenção do tradutor, para que a comunicação flua com normalidade e para que a função informativa do texto se cumpra. Instituições, siglas, partidos, nomes próprios, etc., requerem técnicas de tradução como a adaptação ou a descrição, para que o leitor compreenda o texto.” (Hernández Guerrero, 2006: 131, tradução minha)

- *Mapas*: contextualizam o leitor em termos geográficos;
- *Cronologias*: contextualizam o leitor em termos temporais;
- *Glossários*: auxiliam à compreensão de termos que o leitor não conhece;
- *Bibliografia sobre o tema*: apresentada numa caixa de texto à parte, convida o leitor a expandir o seu conhecimento sobre o tema;
- *Informação sobre o autor do artigo*: não só relaciona o artigo traduzido com o texto de partida, como informa o leitor sobre a autoria do artigo original.

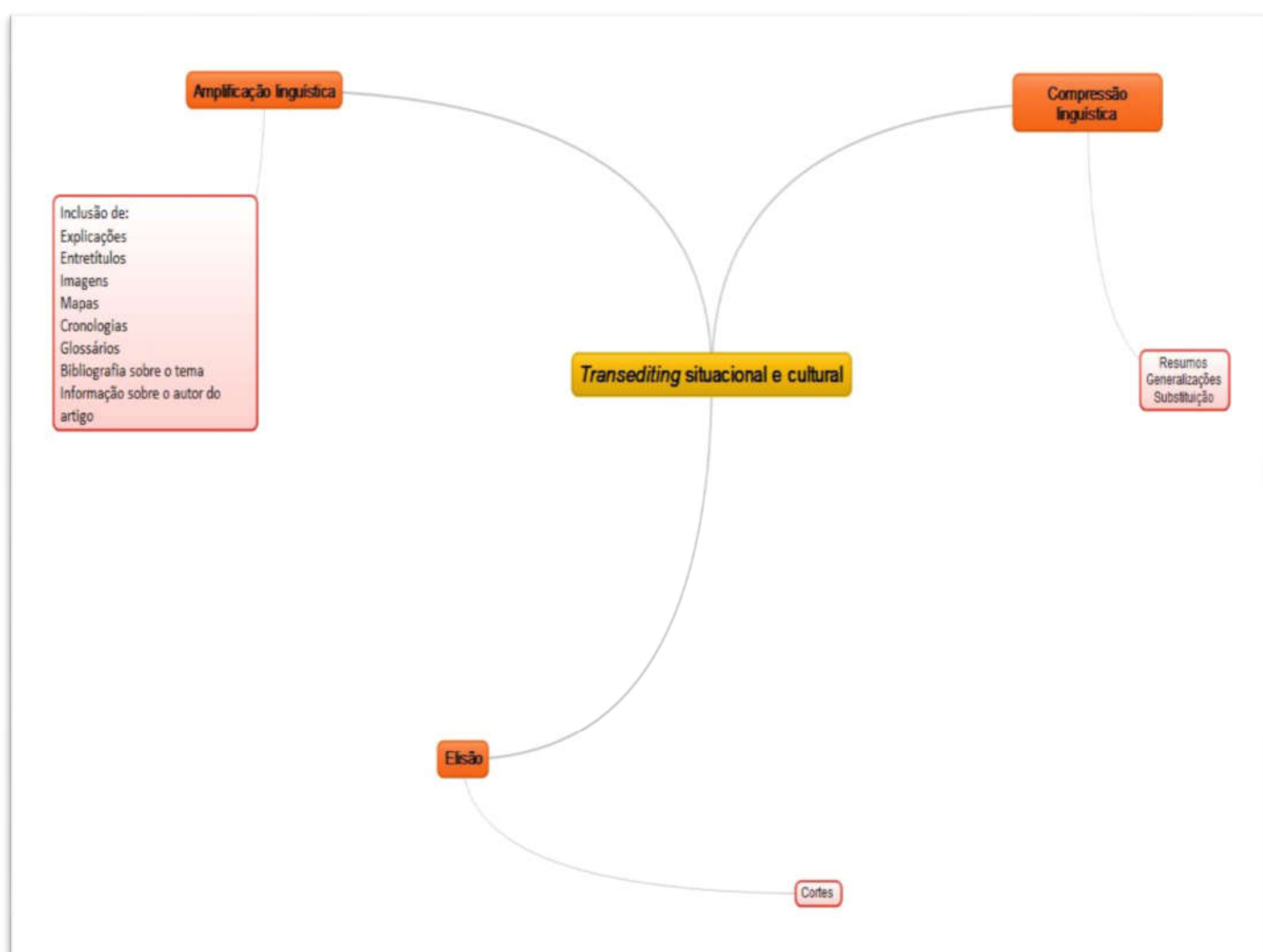


Figura 2: Técnicas de tradução propostas por Hernández Guerrero associadas aos exemplos de Bani

Embora Bani (2006) não associe as estratégias apresentadas ao método de *transediting*, estas são exemplos de *transediting* situacional e cultural, tal como as técnicas propostas por Hernández Guerrero (2006).

Baseando-se em Hursti (2001), Gambier (2006: 13-14) propõe técnicas semelhantes, que descreve como sendo fases do processo de *transediting* que passam pela reorganização do texto, eliminação de informação, adição de informação e substituição.

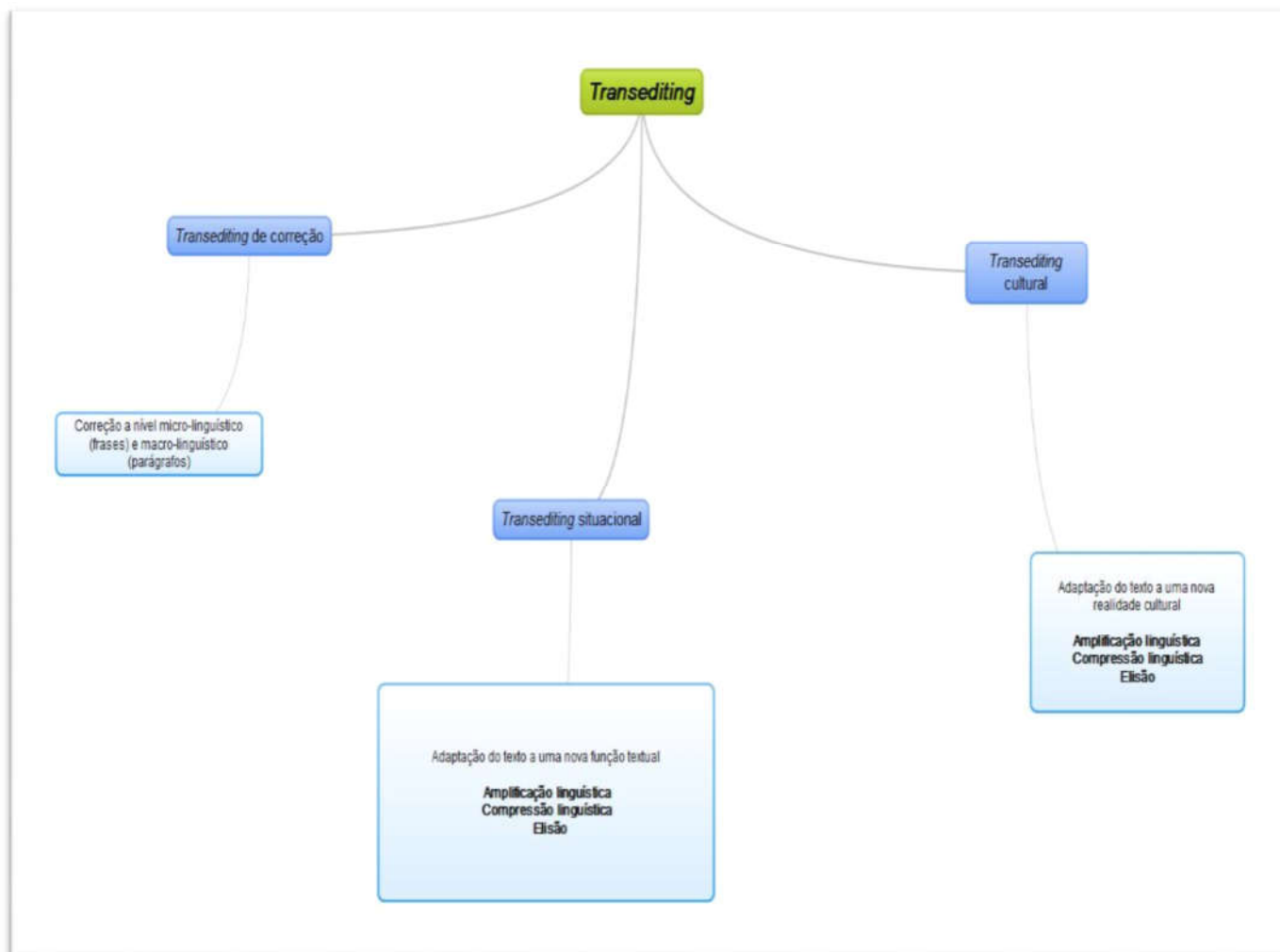


Figura 3: *Transediting* e técnicas de tradução de Hernández Guerrero

2.1.2. Investigação sobre tradução jornalística em Portugal

Em 2012, foi publicada a tese de mestrado *Tradução jornalística em Portugal: contexto atual e perspetivas de futuro*, da autoria de Diana Santos, da Universidade do Porto. No ano seguinte, foi publicada pela Universidade Nova de Lisboa a tese de Joana Ferreira, intitulada *Tradução e Jornalismo: Uma Conceção da Prática Tradutória Como Reescrita do Texto de Partida*.

O trabalho de Diana Santos (2012) incide sobre as práticas de tradução jornalística em Portugal, num contexto de jornais nacionais diários, em particular o do diário *Jornal de Notícias*. A autora (2012: 10) explica que colocou quatro hipóteses na sua dissertação:

“[...] o trabalho de tradução jornalística é muito associado (quase exclusivamente) aos conhecimentos de línguas; a tradução jornalística em Portugal é pobre, porque não é dada suficiente atenção a esta questão; os jornalistas portugueses não têm formação suficiente para fazer trabalhos de tradução adaptados ao seu trabalho, e provavelmente não têm noção dessa realidade; os jornalistas nem sempre dispõem de condições adequadas para executar trabalhos de tradução convenientemente, carecendo essencialmente de tempo e/ou de meios.”

Santos (2012: 35) conclui que, até à data, a tradução jornalística não era uma área suficientemente estudada e que havia um fosso na relação entre as profissões de jornalista e tradutor. Esta situação, segundo a autora, não ocorre apenas em Portugal, mas também em Espanha e no Reino Unido. No caso dos jornalistas portugueses, Santos afirma que, de acordo com a sua pesquisa, não estão preparados para serem tradutores e não estão sensibilizados para as questões ligadas à tradução. Contudo, a autora salienta que estas conclusões não pretendem “fazer a apologia de que o tradutor é o elemento mais importante do trabalho jornalístico”, citando Bielsa & Bassnett (2008: 56), que consideram que a tradução é “inseparável de outras práticas jornalísticas que intervêm na produção de notícias”. Assim, Santos defende que seria benéfico haver ações de formação em tradução para jornalistas.

Na tese *Tradução e Jornalismo: Uma Conceção da Prática Tradutória Como Reescrita do Texto de Partida*, Ferreira (2013) questiona se a tradução jornalística se trata de tradução interlinguística (segundo a noção proposta por Jakobson, em 1959), ou se é a reescrita de um texto, segundo Lefevre (1992). Para isso, a autora analisou um *corpus* de artigos traduzidos e publicados durante 10 anos no suplemento *Notícias Magazine*, do jornal *Diário de Notícias*.

Ferreira (2013: 43-44) conclui que, embora os resultados de investigação na área noutros países indiquem que a tradução jornalística se aproxima mais da reescrita do que da tradução interlinguística, no caso português, coexistem elementos de tradução e de reescrita:

“[...] Consequentemente, a tradução interlinguística, que se refere à tradução propriamente dita ou à interpretação de signos verbais por meio de uma outra língua, é uma realidade na tradução do texto jornalístico em Portugal. Para além disso, está-se perante uma reescrita (Lefevre, 1992) porque há aspetos do texto que são

manipulados para ir ao encontro das normas do sistema de chegada e das expectativas do leitor. Assim, o tradutor adota uma estratégia de aceitabilidade (Toury, 1995) guiando-se pelas normas do contexto de chegada. [...]”.

A tese de mestrado de Cioca (2013), na Universidade de Coimbra, analisa as marcas culturais no jornalismo internacional, partindo da proposta de Zipser e Polchlopek (2009) de “interface tradução-jornalismo” (Zipser & Polchlopek, 2009). Esta proposta alia o modelo funcionalista de Nord para a tradução e do modelo funcionalista para o jornalismo de Esser, considerando o ato de tradução como parte de um contexto real de situação comunicativa determinada pelos agentes que nele tomam parte – o jornalista-tradutor e os leitores (Zipser & Polchlopek, 2009: 199). Cioca aplica esta interface para analisar a cobertura dos atentados terroristas de 22 de julho de 2011 na Noruega, perpetrados por Breivik, realizada pelo jornal português *Diário de Notícias* e pelo jornal britânico *The Guardian*. O seu objetivo é aferir se o jornalista é “um tradutor de factos e de culturas” e determinar que marcas culturais estão presentes no discurso jornalístico da informação internacional (Cioca, 2013: 79).

Para a autora, a tradução “não é meramente a transmissão de uma mensagem da língua A para a língua B, é uma forma de promover a diversidade linguística. Como? Atuando como uma ponte entre culturas, facilitando a comunicação internacional e assegurando a existência e a prosperidade de todas as línguas existentes” (Cioca, 2013: 37). Dessa forma, a autora defende que a tradução engloba dois elementos: o conceito de cultura e o conceito da função do texto (Cioca, 2013: 40).

Ao analisar as notícias publicadas em ambos os jornais, a autora conclui estas apresentam marcas culturais específicas a cada uma das culturas-alvo. No entanto, esses elementos culturais estão mais explícitos nas notícias publicadas no jornal *The Guardian* do que no *Diário de Notícias*. Para Cioca (2013: 96), o jornalista elabora um artigo novo, filtrado e reorganizado para um novo público:

“Evidenciamos que os fatores externos e internos ao texto representam também uma marca cultural, uma vez que o jornalista percorre o caminho do emissor até ao efeito do texto para transmitir ao recetor a informação “filtrada” através da sua bagagem de conhecimentos, da sua visão do mundo, do seu domínio da língua que posteriormente influencia as escolhas lexicais. [...] A aparente falta abundancia de marcas culturais, não significa que os textos não são culturalmente

marcados, ou que o jornalista não teve que traduzir (de um idioma para outro ou de uma cultura para outra) a informação, filtrando-a e focalizando-a.”

Hilário (2014) utiliza também a questão da interface tradução-jornalismo para descrever como a tradução faz parte do processo de produção de notícias, na tese *Jornalismo e tradução: quando a notícia é produto de dois mundos*. Utilizando uma metodologia semelhante à de Diana Santos (2012), ao recorrer a entrevistas com jornalistas e tradutores, a autora coloca as seguintes hipóteses no seu trabalho:

“Até que ponto o jornalismo e a tradução se relacionam no processo de produção da notícia? Quais os critérios de seleção de uma notícia em língua estrangeira, para que ela seja traduzida e noticiada em português? Como é tratado um *press release* ou uma notícia escritos numa língua estrangeira numa redação nacional? Os factos são investigados? Qual o papel do jornalista no processo de produção de uma notícia que chega em língua estrangeira? Qual o papel da tradução/tradutor no meio jornalístico? Como é visto o tradutor pelos jornalistas?” (Hilário, 2014: 17).

Assumindo as dificuldades que teve na realização da sua investigação, por considerar que existe pouca bibliografia sobre o tema, Hilário (2014: 66-67) conclui que o trabalho que o tradutor desempenha, em conjunto com jornalistas, pode ajudar à diversificação da atualidade noticiosa e à compreensão mais aprofundada dos acontecimentos de origem internacional, mas tradução é algo incompreendida por parte dos profissionais da comunicação social, que a veem como a mera transferência de palavras de uma língua para outra.

Duas outras teses de mestrados da Universidade Nova de Lisboa são baseadas na experiência dos autores no jornal *Observador*, um meio de comunicação *online*. Ferreira (2015), na tese *O Processo Tradutório em Contexto Jornalístico: A Tradução e a Transedição na Redação*, descreve como é que a tradução é feita no contexto do referido jornal, adotando as técnicas de *transediting* (o autor traduz o termo como “transedição”). Partindo do trabalho de Hursti e associando-o às técnicas de *transediting*, o autor conclui que estas são ferramentas utilizadas na elaboração de textos jornalísticos, mas a sua experiência leva-o a concluir que não cabe ao tradutor desempenhar o papel de *gatekeeper*.

“O autor deste estudo teve a oportunidade de realizar traduções para a redação do Observador e embora os textos de chegada tenham incorporado diversas notícias publicadas pelo Observador, não lhe era dada a opção de escolher que detalhes se incluíam ou omitiam no texto jornalístico a ser publicado. O jornalista é um *gatekeeper*,

mas o tradutor em contexto jornalístico pode não o ser (tal como experienciado durante o período no *Observador*) e é esse o fator determinante para a utilização desta estratégia — uma reformulação do texto de partida que pode alterar o foco da notícia e que, frequentemente, o ajusta ao contexto de chegada às exigências do público-alvo.” (Ferreira, 2013: 34).

Convém salientar que este não é o caso no *Courrier International*, conforme se poderá verificar mais à frente, na análise contrastiva de artigos traduzidos.

No mesmo ambiente do jornal *Observador*, Cruz (2016) parte para uma reflexão sobre a ética do tradutor, associando-a à deontologia do jornalista. Na tese *A ética tradutória em contexto jornalístico: um estudo de caso no Observador*, o autor considera que o tradutor desempenha três papéis na redação, como tradutor, revisor e “consultor linguístico”:

“O tradutor não só é responsável pelos trabalhos que lhe são “encomendados” pelos jornalistas ou por quem gere a sua função, mas serve também de revisor aos textos produzidos, inevitavelmente, a partir de traduções dos jornalistas. Isto porque, mesmo com um tradutor residente numa redação, este não pode substituir-se à suma do trabalho de tradução exigido por uma equipa de jornalistas, já que este é, como afirmámos, constante. Apenas uma equipa de tradutores poderia levar a cabo a tarefa imensurável de traduzir tudo aquilo que passa pelas mãos dos jornalistas. Assim, para além de tradutor e revisor, essa pessoa terá de servir ocasionalmente de “consultor linguístico”, ou seja, alguém a quem os jornalistas poderão recorrer quando têm alguma dúvida urgente, seja terminológica, idiomática ou de outro cariz.” (Cruz, 2016: 6).

No que diz respeito à ética do tradutor, o autor considera que tanto o tradutor como o jornalista seguem sistemas bastante semelhantes, principalmente em relação ao dever ético para com o público: “O jornalista deve ser fiel aos seus leitores e às suas fontes, no sentido em que os deve saber respeitar consoante as situações em que se encontra. O jornalista deve ser fiel aos seus princípios e valores pessoais, e recusar qualquer trabalho que atente contra a sua integridade profissional (cf. CDJ et al. 10), tal como o tradutor tem o direito de se salvaguardar contra circunstâncias análogas. Ademais, tanto tradutores como jornalistas são confrontados, frequentemente, com contextos que envolvem questões de sigilo e confidencialidade, devendo a sua formação profissional saber prepará-los para enfrentar tais situações.” (Cruz, 2016: 39).

2.1.3. Investigação sobre tradução jornalística em contexto internacional

Davies (2006) apresenta um estudo de caso baseado numa tradução de inglês para francês de um artigo de opinião publicado no jornal britânico *The Guardian* e analisa as alterações textuais utilizadas pela tradutora. Estas alterações textuais passam por técnicas de omissão e de adição de informação, cujo objectivo é “preservar um equilíbrio entre a transmissão do essencial e assegurar que a organização, tom e estilo são aceitáveis para o público-alvo.” (Davies, 2006: 83, tradução minha). Para Davies, estas técnicas têm que ver com uma mudança de *readership* (grupo de leitores) que acontece quando um artigo é publicado num meio de comunicação estrangeiro e tem de corresponder às expectativas desse grupo de leitores:

“Com uma mudança no grupo de leitores, poderá surgir uma mudança de perspetiva, o que leva a que certos elementos se tornem menos relevantes ou cruciais na tradução do que para o público inicial, enquanto outros elementos quase tomados por garantidos no texto de partida passem a necessitar de maior ênfase e atenção na tradução” (Davies, 2006: 84-85, tradução minha).

Linder (2013) analisa a questão dos elementos culturais no texto de partida e de como é que são traduzidos no texto de chegada num estudo de caso de um artigo traduzido de espanhol para inglês. O autor afirma que, no caso apresentado, “os elementos culturais específicos ou foram traduzidos de forma inconsistente ou generalizados até um ponto em que a sua importância se dissipou no texto de chegada, embora não tendo desaparecido completamente.” (Linder, 2013: 1, tradução minha). Apesar disso, Linder concede que é um preço a pagar pela mudança na perspetiva do grupo de leitores de uma língua/cultura para outra.

O equilíbrio entre o texto de partida e o texto de chegada e a influência da seleção noticiosa são questões abordadas por autores como Magda Jeanrenaud (2007), Luc Van Doorslaer (2010) e Gorgios Floros (2012). Magda Jeanrenaud analisa a tradução feita por vários meios de comunicação romenos de um discurso de Jacques Chirac, em que este foi bastante crítico da posição romena em relação à guerra no Iraque e conclui que as opções de tradução tiveram como objetivo criar indignação nos leitores romenos, de forma a atrair o público para a questão noticiada (Jeanrenaud, 2007: 137). A autora conclui que, no caso estudado, houve um romper da ética da tradução ao não se reproduzir o sentido da mensagem, com o intuito de causar uma reação no público. A questão dos limites da tradução é também abordada por Giorgio Floros, no contexto da realidade informativa em Chipre, influenciada pela disputa da soberania da ilha entre a Grécia e a

Turquia. O autor considera que “a produção noticiosa, embora se esforce por ser objetiva, envolve sempre comentário, uma posição e manipulação ideológica, seja no texto original, ou no texto construído através de uma tradução.” (Floros, 2012: 936, tradução minha). Ao mesmo tempo, para o autor, a tradução jornalística é um exemplo de como a profissão de tradutor está integrada numa outra profissão – neste caso, na profissão de jornalista - e como as normas éticas da tradução são ditadas pelos jornalistas e pelo sector da comunicação social (Floros, 2012: 929). A partir da análise de artigos publicados na imprensa cipriota grega, cujo original é de origem turca ou turca-cipriota, Floros conclui que os artigos foram reescritos com um pendor crítico muito forte face ao norte do país e à Turquia, o que constitui uma violação da norma de fidelidade ao texto de partida.

Floros e Jeanrenaud abordam a problemática da fronteira entre a tradução e a manipulação textual, um receio que surge devido ao abandono da noção tradicional de equivalência em favor daquilo que Bielsa e Bassnett (2008) definem como “equivalência de efeito”, ou seja, a preocupação de que o texto traduzido incorpore as diferenças de estrutura, estilo e contexto, de forma a corresponder às expectativas do público-alvo (Bielsa & Bassnett, 2008: 8).

Luc Van Doorslaer (2009), por seu turno, analisa o papel que a língua desempenha na seleção de notícias. O seu estudo de caso incide na seleção de notícias internacionais nos jornais belgas francófonos e flamengos. Através de uma análise quantitativa da proveniência das notícias internacionais nos jornais, Van Doorslaer conclui que a maior parte das notícias publicadas nos jornais francófonos provém de fontes francesas (em particular, da agência *France Presse*), enquanto a maior parte das notícias publicadas nos jornais flamengos é de proveniência norte-americana, nomeadamente da *Associated Press* (Van Doorslaer, 2009: 87-89). O autor conclui que há um desequilíbrio de fontes de notícias internacionais, causado pela dependência das agências noticiosas e pelas limitações impostas pela língua:

“As correlações espantosas entre a lista de países cobertos pelas notícias internacionais e o uso de agências noticiosas indicam que as perceções do mundo e as perceções nas redações podem ser amplamente determinadas pelo conhecimento linguístico e pela (não)-tradução. A língua e a (ausência) da tradução, mais do que seria de ser geralmente aceite na nossa sociedade (e certamente nas redações), parece ser um importante fator de enquadramento e de *agenda-setting*.” (Van Doorslaer, 2009: 90, tradução minha).

O que Van Doorslaer sugere é que a língua influencia o processo de seleção noticiosa, tornando-se num valor-notícia, ou seja, um critério de noticiabilidade (De Fontcuberta, 1993; Traquina, 2002; Wolf, 1987) que, neste caso está associado aos critérios relativos ao produto (Wolf, 1987: 184) e que determina se o acontecimento é noticiado nos meios de comunicação ou não. Sara Bani reafirma a questão linguística como valor-notícia, ao referi-la no seu estudo sobre o trabalho de tradução na revista *Internazionale* (semelhante à revista portuguesa *Courrier Internacional*):

“A primeira fase do processo de tradução é já caracterizada por limitações, devido às línguas conhecidas pela equipa editorial, que são basicamente cinco: inglês, francês, alemão, espanhol e português. Assim, jornais publicados noutras línguas são excluídos.” (Bani, 2006: 38, tradução minha).

Embora reconheça que as limitações linguísticas não constituem um constrangimento na altura de selecionar fontes noticiosas, é preciso notar que a revista *Internazionale* é composta exclusivamente por traduções, tal como a portuguesa *Courrier Internacional*. A questão do acontecimento e dos valores-notícia será elaborada mais à frente neste relatório.

2.2. Texto jornalístico: da micro à macroestrutura

A informação jornalística é apresentada em formatos específicos, que se denominam de géneros jornalísticos. Estabelecer uma classificação dos géneros jornalísticos é uma tarefa complexa, já que diferentes autores apresentam tipologias diferentes e algo subjetivas (Ghignoli & Ortiz Montabes, 2014: 389). Diferentes tipologias são, mais adiante, apresentadas e explicadas, no ponto 2.3.

Se existem vários trabalhos apresentando propostas de como se processa a tradução jornalística em termos textuais, o mesmo não sucede com a tradução jornalística em termos dos géneros. Como se pode verificar, grande parte da investigação relacionada com a tradução jornalística é dedicada à tradução de notícias, em particular à tradução efetuada em agências noticiosas. Sara Bani estudou a tradução na revista italiana *Internazionale*, composta maioritariamente por traduções, mas os géneros que nela são publicados são mais expositivos do que os que normalmente se encontram num jornal diário. Ao mesmo tempo, o foco do seu estudo é o papel do tradutor no contexto dessa revista e não necessariamente uma análise da tradução dos textos publicados na *Internazionale* em relação aos artigos publicados num jornal diário ou

disseminados por agências noticiosas. Os processos de tradução variam conforme os géneros, como demonstra Maria José Hernández Guerrero (2005) e Ghignoli e Ortiz Montabes (2014). Baseando-se na tipologia de géneros jornalísticos proposta por Casasús (1991), Maria José Hernández Guerrero divide os géneros em três grandes grupos: géneros informativos, géneros interpretativos e géneros argumentativos (Zaborras & Hernández Guerrero, 2005: 190-192). A autora analisa a tradução de artigos publicados nos jornais espanhóis *El País* e *El Mundo*, durante um período de oito anos, e conclui que os géneros informativos sofrem mais operações de reescrita e de reorganização do que os géneros interpretativos e argumentativos. Nestes últimos, os elementos que mais alterações sofrem são os títulos, sendo que a tradução se mantém bastante aproximada ao texto original (Zaborras & Hernández Guerrero, 2005: 94-132). Uma possível explicação para esta situação tem que ver com o tempo que o tradutor tem para traduzir artigos que se incluem nos géneros interpretativos e argumentativos (nomeadamente reportagens, crónicas e artigos de opinião) e com a importância do autor do artigo original (Ghignoli & Ortiz Montabes, 2014: 391-395). Esta é uma hipótese que será abordada na análise contrastiva dos artigos traduzidos para a revista *Courrier International*.

2.2.1. O acontecimento como base da notícia

Traquina (2002: 204) ancora a definição de notícia nos critérios de noticiabilidade, ou dito de outra forma, nos valores-notícia:

“À pergunta ‘o que é a notícia?’ podemos responder que a resposta dos membros da comunidade jornalística não é científica, aparece como instintiva, e permanece quase como tendo uma lógica não explicitada. E, ao contrário de um jogo de cartas como o bridge, não há regras que indiquem que critérios têm prioridade sobre outros; mas os critérios de noticiabilidade existem, duradouros, ao longo de séculos”.

Uma possível definição de notícia é dada por De Fontcuberta (1993: 15, tradução minha), que a define como “a comunicação, a um público interessado, de um acontecimento acabado de suceder, através de meios de comunicação social”. Martínez Albertos (1983: 40, tradução minha) propõe a seguinte definição de notícia:

“Notícia é um facto verdadeiro, inédito ou atual, de interesse geral, que se comunica a um público que se pode considerar massivo, uma vez que foi recolhido, interpretado

e valorizado pelos promotores que controlam o meio [de comunicação] utilizado para a difusão.”.

Outra possível definição de notícia é dada por Altheide (*apud* Wolf, 1987: 171), referindo que a notícia é:

“o produto de um processo organizado que implica uma perspectiva prática dos acontecimentos, perspectiva essa que tem como objetivo reuni-los, fornecer avaliações, simples e directas, acerca das suas relações, e fazê-lo de modo a entreter os espectadores”.

Gradim (2000: 57) resume a notícia, do ponto de vista textual, com um conjunto de “textos eminentemente informativos, relativamente curtos, claros, concisos e elaborados segundo regras de codificação bem determinadas: título, *lead*, subtítulos, construção por blocos e em forma de pirâmide invertida”. O termo “notícia” é utilizado simultaneamente como o noticiar de um acontecimento e como forma de apresentação de um artigo, como Anabela Gradim o faz.

A fonte da notícia é aquilo que se denomina por acontecimento. Do ponto de vista do jornalismo, um acontecimento é algo que acontece no tempo, sendo improvável, singular e accidental (Morin *apud* De Fontcuberta, 1993: 19). As razões pelas quais um determinado acontecimento é reenquadrado e escrito em formato de notícia prendem-se com aquilo que vários autores denominam de “valores-notícia”. Os valores-notícia, ou critérios de noticiabilidade – “newsmaking” – são os elementos que fazem com que um acontecimento seja considerado relevante o suficiente para ser transformado em notícia (Wolf, 1987: 175).

Vários valores-notícia são realçados por diferentes autores como Wolf (1987), De Fontcuberta (1993: 20) ou Traquina (2002). De Fontcuberta salienta três características do acontecimento: a variação no sistema, a comunicabilidade do facto e a implicação dos sujeitos. A variação no sistema é a uma “ruptura com a norma” (de uma determinada sociedade; no que diz respeito à comunicabilidade do facto, De Fontcuberta (1993: 20, tradução minha) salienta que isso “implica que os meios de comunicação são quem cria os acontecimentos jornalísticos a partir de um facto pré-existente ou previsto, que convertem em notícia”; relativamente à implicação dos sujeitos. De Fontcuberta (1993: 20-21, tradução minha) explica que o público participa na construção da mensagem jornalística, com maior ou menor adesão a ela e, dessa forma, com maior ou menor adesão aos seus efeitos. Dessa forma, “quando mais implicado se sinta o público nas notícias, mais capacidade de resposta e adesão ao meio terá”.

Para Wolf (1987: 175), os valores-notícia são “critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção; isto é, não estão presentes apenas na seleção das notícias, participam também nas operações posteriores, embora com um relevo diferente”. Wolf (1987: 179) distingue cinco fatores de ponderação diferentes: critérios substantivos, critérios relativos ao produto, critérios relativos ao meio de comunicação, critérios relativos ao público e critérios relativos à concorrência. Traquina divide os critérios propostos por Wolf da seguinte forma: critérios de seleção (critérios substantivos e critérios contextuais) e critérios de construção. Os critérios substantivos estão relacionados com a avaliação do acontecimento, no que diz respeito à sua importância, enquanto os critérios contextuais incidem sobre o processo de produção da notícia. Por seu turno, os critérios de construção estão relacionados com a forma como a notícia vai ser construída e que informação sobre o acontecimento esta vai conter (Traquina, 2002: 186-187).

Wolf (1987: 175) considera que os valores-notícia são “complementares” uns aos outros e servem como resposta a uma pergunta: “Quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?”. No que diz respeito aos critérios substantivos enunciados por Wolf (1987), o autor salienta duas variáveis: a importância do acontecimento e o seu interesse. A importância do acontecimento está relacionada com o grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento, no impacto que esse acontecimento tem sobre a nação e sobre o interesse nacional, a proximidade geográfica do acontecimento, a quantidade de intervenientes e a relevância do acontecimento na evolução futura de uma situação. Quanto ao interesse do acontecimento, este está relacionado com a percepção que os jornalistas têm do seu público e com a capacidade de entretenimento que o acontecimento pode proporcionar (Wolf, 1987: 190-191). Para Traquina (2002: 187-196), estes são critérios de seleção, que incluem elementos como a morte, a notoriedade dos intervenientes, a proximidade do público ao acontecimento e a sua relevância, a novidade, o facto de o acontecimento ser inesperado, o conflito ou a controvérsia. Esta tipologia também é semelhante à proposta por De Fontcuberta em duas das três características que a autora propõe, nomeadamente a variação no sistema e a implicação dos sujeitos.

Os critérios relativos ao produto têm que ver com vários elementos, que vão desde a acessibilidade a que os jornalistas têm ao acontecimento até às características intrínsecas do acontecimento e como este pode ser narrado em forma de notícia. Estas características são a atualidade do acontecimento, a sua frequência, a sua qualidade (que inclui elementos como a ação, o ritmo, o carácter exaustivo, a clareza da linguagem e *standards* técnicos mínimos - (Gans

apud Wolf, 1987: 186-188) e o equilíbrio das notícias a ele relativas em termos de comunicação e de pluralidade. Estes critérios assumem maior relevância quanto menos importante a notícia é (Wolf, 1987: 185). Wolf salienta também que, nestes critérios, entra aquilo que se define como sendo a “ideologia da notícia”, ou seja, “o pressuposto segundo o qual são noticiáveis, em primeiro lugar, os acontecimentos que constituem e representam uma infração, um desvio, uma rutura do uso normal das coisas”.

Em relação aos critérios relativos ao meio de comunicação, estes baseiam-se nas características do meio de comunicação onde são divulgadas as notícias e funcionam como uma seleção baseada no formato, ou seja, aos “limites espaço-temporais que caracterizam o produto informativo [...] dado que impõe uma espécie de pré-seleção⁴, ainda antes de serem aplicados os outros valores-notícia” (Wolf, 1987: 190). São critérios que, segundo Wolf, estão relacionados com os critérios de relevância em relação ao público, “quer quanto à finalidade de o entreter e de lhe fornecer um produto interessante, quer quanto ao propósito de não cair no sensacionalismo, de não ultrapassar os limites do bom gosto, da *privacy*, da decência, etc.” (Wolf, 1987: 189).

Os critérios relativos ao público são, segundo Wolf, difíceis de definir, pois baseiam-se num equilíbrio entre interessar o público e informá-lo ao mesmo tempo. Gans (1979) propõe a especificação do critério com três categorias: notícias que permitem que o público se identifique com elas; notícias-de-serviço e notícias ligeiras, que não sobrecarreguem o público com demasiados pormenores ou com sentimentos negativos (Gans *apud* Wolf, 1987: 191-192).

Por fim, os critérios relativos à concorrência têm que ver com as relações de concorrência que existem entre os diversos meios de comunicação, o que leva a que haja uma seleção de acontecimentos baseada naquilo que o meio de comunicação rival poderá noticiar ou não. Wolf cita Gans (1979) relativamente a três tendências que estes critérios criam: centralização da cobertura noticiosa em personalidades de elite ou outros fatores, deixando de lado uma visão global da realidade; geração de expectativas recíprocas relativamente às notícias que são selecionadas; falta de inovação na seleção de notícias, devido a essas expectativas recíprocas (Gans *apud* Wolf, 1987: 192). Traquina (2002: 196) agrupa estes três critérios no que considera serem os critérios contextuais dos valores-notícia de seleção. São os critérios que “dizem respeito ao contexto no processo de produção das notícias e não às características do próprio acontecimento”.

⁴ Na era digital, estes limites espaço-temporais têm-se esbatido, dando lugar a outros critérios relativos ao meio.

Os valores-notícia de construção são “os critérios de selecção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (Traquina, 2002: 198). É uma proposta que pode ser associada com os critérios propostos por Wolf relativos ao público, pois atuam dentro do equilíbrio entre informação e captação de interesse na notícia. Traquina, baseando-se na lista de valores-notícia proposta por Ericson *et al.*, (1987) e Galtung e Ruge (1965/1983) sugere a simplificação, a amplificação, a relevância, a personalização, a dramatização e a consonância.

A simplificação é a tentativa de evitar ambiguidades, fácil de compreender, já que o público espera aceder à informação contida na notícia de forma rápida e sem problemas de compreensão (Bani, 2006: 37). A amplificação é o salientar de aspetos do acontecimento em detrimento de outros, de forma a amplificar os seus efeitos; de forma semelhante, a relevância é o ato de dar sentido ao acontecimento, para que o público se identifique com o acontecimento descrito na notícia. A personalização, outra forma de aproximar o público da notícia, é o associar o acontecimento a outras pessoas, já que como Traquina afirma: “Inúmeros estudos sobre o discurso jornalístico apontam para a importância da personalização como estratégia para agarrar o leitor, pois as pessoas interessam-se por outras pessoas.” (Traquina, 2002: 199). Finalmente, a consonância está relacionada com a capacidade de enquadramento da notícia num contexto mais amplo, como um acontecimento novo em acontecimentos já noticiados.

2.2.2. Para a caracterização da escrita jornalística

São vários os autores que abordam a questão dos aspetos fundamentais da escrita e da estrutura do texto jornalístico, como, por exemplo, Esteves Pereira (1982), Martínez Albertos (1983), Martín Vivaldi (1986), Nuno Crato (1986), Ricardo (1989), De Fontcuberta (1993) ou Anabela Gradim (2000), sendo que no âmbito da tradução destacam-se os trabalhos de Gisbert e de Hernández Guerrero (2005), de Reiss (2002) e de Hurtado Albir (2016).

Martínez Albertos (1983: 180) considera que a escrita jornalística responde à exigência da expectativa do destinatário, que é a de ler e entender o texto de forma rápida e eficaz. Assim, Anabela Gradim propõe:

“O texto jornalístico deve ser rapidamente acessível ao leitor de cultura média. Para tal é importante, entre outros fatores, evitar ambiguidades, duplas interpretações ou sentidos dúbios: a linguagem jornalística deve ser unívoca, para que possa esclarecer

o leitor em vez de semear a dúvida no seu espírito, ou, pior ainda, induzi-lo em erro”

(Gradim, 2000: 151).

A autora (2000: 138) enumera um conjunto de características que devem ser tidas em conta na escrita jornalística: esta deve ser “clara, precisa, concisa, ritmada e com vivacidade”. Semelhantes características são enumeradas por Martín Vivaldi (1986: 29-35), às quais acrescenta ainda a densidade (associada à concisão), a exatidão, a precisão, a simplicidade, a naturalidade, a originalidade, a brevidade, a variedade, a atração, a cor, a sonoridade, o detalhe e a correção gramatical. A clareza na comunicação a que Gradim e Martín Vivaldi se referem obtém-se graças ao uso de uma frase por ideia, do encadeamento da informação e àquilo que se denomina de “uma utilização económica da linguagem” (Gradim, 2000: 198), ou seja, a utilização de palavras curtas e de concisão semântica, descrevendo de forma detalhada, mas direta. Privilegia-se a utilização de verbos de ação na voz ativa e a preferência pelo presente do indicativo. A autora defende também que se evitem os adjetivos e os advérbios. De forma semelhante, Esteves Pereira (1982: 32-37) argumenta que o jornalista deve facilitar o trabalho de compreensão ao leitor, utilizando uma fraseologia na voz ativa e de tipo afirmativo, para tornar a narração mais vigorosa.

De Fontcuberta (1993: 96) analisa a linguagem jornalística como uma “linguagem mista”, ou seja, uma linguagem na qual se integram diferentes linguagens simples. Martínez Albertos (*apud* De Fontcuberta, 1993: 97)) propõe dois tipos de códigos fundamentais para a imprensa: o código linguístico (o texto, subordinado às normas de uma determinada organização, num dado momento) e o código icónico (paginação, fotografias, gráficos e sinais que acompanham os textos). Para De Fontcuberta (1993: 100, tradução minha), esta linguagem mista deve ser vista como um todo, cujo objetivo é atingir a eficácia comunicativa que, para a autora, “significa que o jornalismo é mediação e tem de cumprir com as exigências que toda a mediação requer. Deve ser acessível ao público do meio [de comunicação], a fim de ganhar possibilidades de difusão.”. No caso do texto jornalístico, a autora refere que as suas características são a concisão, a clareza e a rapidez de leitura (De Fontcuberta, 1993: 100), tornados possíveis pelo tipo de linguagem simples, direto e vivaz que Anabela Gradim e Martín Vivaldi descrevem. Martínez Albertos (1983: 206-207) salienta seis aspetos que caracterizam a escrita jornalística: a correção (linguagem não-literal, próxima da língua coloquial culta), a concisão (predomínio de frases curtas), a clareza (utilização de verbos adequados, na forma ativa e no presente do indicativo), a captação do recetor (a estrutura do texto jornalístico está concebida para cativar o leitor desde o início), o facto de ser

uma linguagem de produção coletiva (os textos são obra de vários coautores, uns com maior ou menor responsabilidade no texto final) e, por fim, o aspeto misto da linguagem, onde códigos linguísticos e visuais se articulam.

2.2.3. Estruturas do texto jornalístico

O texto jornalístico segue uma estrutura definida, na qual acontecimentos e diferentes aspetos destes estão normalmente ordenados por importância. Esta estrutura definida é, ao mesmo tempo, dinâmica, podendo variar conforme a publicação e o género (informativo, interpretativo ou argumentativo).

2.2.3.1. Títulos e subtítulos

O título é “uma série de palavras, formando uma frase que carrega informação” (Pereira, 1982: 103), sendo informativo no conteúdo e publicitário na forma, porque a sua função é chamar a atenção do leitor para o artigo. Esteves Pereira afirma que, no título, encontra-se o essencial do artigo em uma ou mais palavras, de forma mais concisa do que no *lead*. Gomis (*apud* Fontcuberta, 1993: 117) afirma que o título cumpre três funções: resume a informação, cria interesse no artigo e ganha vida própria, ao ser inteligível por si mesmo. Martín Vivaldi (1986: 215) sugere que o título deve responder às mesmas perguntas, às quais o *lead* responde, mas salientando os aspetos mais importantes: a causa do acontecimento pode ser mais importante do que o protagonista. A última parte do texto jornalístico a ser escrita, o título deve ser baseado num aspeto-chave do texto, ou mesmo até uma palavra-chave (Crato, 1986: 129).

Obedecendo às mesmas regras de escrita dos títulos, os subtítulos são frases colocadas sob os títulos e ao longo do artigo, separando os blocos de texto. Têm como objetivo quebrar a monotonia do texto e salientar aspetos relevantes da informação (Esteves Pereira, 1982: 127-128).

2.2.3.2. *Lead* e corpo do texto

A estrutura do texto jornalístico nos géneros informativos é composta por dois elementos básicos, para além do título: o *lead* e o corpo do texto (De Fontcuberta, 1993: 76-77). No caso da

reportagem, o *lead* pode ser denominado de “abertura”, tendo características diferentes de um *lead* de uma notícia tradicional (Ricardo, 1989: 23).

O *lead* é o parágrafo inicial do texto jornalístico, no qual se converte um acontecimento em notícia, através da resposta a seis perguntas fundamentais: o quê, quem, quando, onde, porquê e como (Albertos, 1983; De Fontcuberta, 1993; Pereira, 1982; Gradim, 2000; Ricardo, 1989). De Fontcuberta (1993: 76) afirma que o *lead* tem como função explicar a essência do acontecimento e captar a atenção do leitor e que, embora deva responder às seis questões, este só deve incluir a informação mais importante. Assim, os demais elementos do acontecimento devem ser descritos no corpo do texto. Ricardo (1989: 27) sugere que o *lead* não deve ter mais do que 36 palavras. O corpo da notícia é, segundo De Fontcuberta, o desenvolvimento da informação do *lead*, com uma explicação sobre o acontecimento e, se necessário, informação secundária.

Ricardo (1989: 23) distingue o parágrafo inicial da notícia (*lead*) do parágrafo inicial de uma reportagem, o qual define como sendo uma “abertura”. A função que a abertura desempenha é diferente do *lead*, já que não tem de incluir o essencial da informação: a abertura pode ser mais longa e serve para atrair o leitor para o artigo. O corpo da notícia pode ter duas formas: *lead* + texto em forma de pirâmide invertida ou *lead* + construção por blocos (Esteves Pereira, 1982; Crato, 1986; Ricardo, 1989; Gradim, 2000).

A escrita do texto em forma de pirâmide invertida organiza os elementos do acontecimento por ordem de importância. Para além de permitir que se escreva mais depressa e que a informação seja transmitida de uma forma mais clara e direta (Ricardo, 1989: 19), torna possível cortar o texto de baixo para cima, no caso de haver falta de espaço na publicação, já que são os elementos menos importantes do texto que são removidos (De Fontcuberta, 1993: 76).

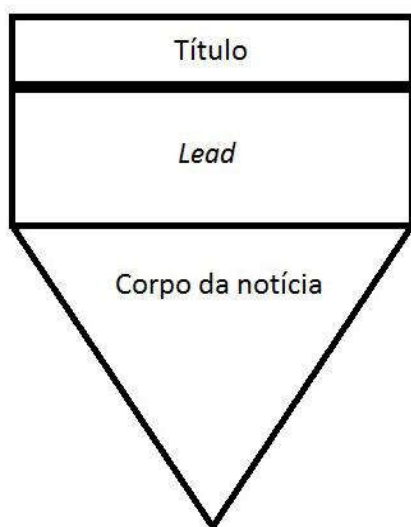


Figura 4: Pirâmide invertida

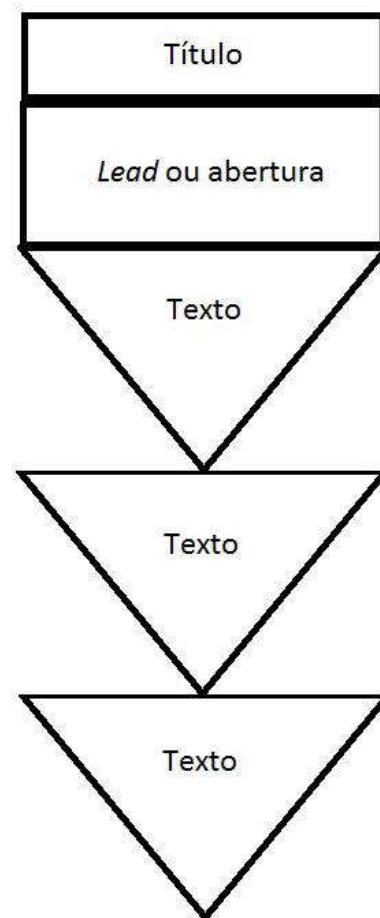


Figura 5: Construção por blocos

No caso da construção por blocos, o acontecimento é decomposto em vários elementos, sendo cada um deles escrito em forma de pirâmide invertida. Esta estrutura é aconselhada para textos mais longos (Crato, 1986: 136). Segundo Esteves Pereira, esta construção é também chamada de “estrutura francesa”, por ser a estrutura típica do jornal *Le Monde* (Esteves Pereira, 1982: 49-50).

2.3. Os géneros jornalísticos

Relacionados com a tipologia do texto jornalístico, os géneros jornalísticos representam formas diferentes de apresentar ou analisar um acontecimento que se torna notícia. Embora seja complexo classificar todos os géneros jornalísticos, estes podem dividir-se em três: géneros informativos, interpretativos e argumentativos.

2.3.1. Os géneros jornalísticos como convenções textuais

Para Hurtado Albir (2016: 490), todos os textos são diferentes consoante a função, modo e destinatário, pelo que é de grande importância para a tradução que haja uma classificação dos mesmos. A autora propõe que os textos podem ser agrupados em termos de função e em termos da sua forma convencional e situação de uso, ou seja, em géneros. Hurtado Albir (2016: 497, tradução minha) define então os géneros textuais como

“agrupações textuais que partilham uma situação de uso determinada, com emissores e recetores particulares, que pertencem a um mesmo modo textual e, por vezes campo [textual], geralmente com uma mesma função (ou funções) e tom textual e que têm características textuais convencionais, fundamentalmente no que diz respeito à sua superestrutura e certas formas linguísticas fixas. Assim, existem diversos géneros escritos (técnicos, científicos, jurídicos, literários, etc.), audiovisuais e orais.”

Segundo Hernández Guerrero (*apud* Zaborras & Hernández Guerrero, 2005: 89, tradução minha), os géneros jornalísticos “figuram entre os menos estereotipados e com convenções textuais menos fixas, face a outro tipo de géneros mais inflexíveis (textos jurídicos, cartas comerciais, etc)”. De forma semelhante, Gisbert (*apud* Zaborras & Hernández Guerrero, 2005: 18, tradução minha) afirma que “o respeito por convenções genéricas pressupõe que a comunicação obedeça a aspetos linguísticos obrigatórios e leis discursivas, embora os géneros sejam formas de expressão dinâmicas, que mudam conforme a necessidade dos utilizadores.”. Apesar de os géneros jornalísticos obedecerem a regras de construção, estes apresentam aspetos bastante dinâmicos.

A proposta de Hurtado Albir (2016: 497) para a classificação dos géneros passa por três características: a função (ou funções), os elementos da ação comunicativa (campo, modo e tom) e as convenções formais. Especificamente em relação aos textos jornalísticos, a autora agrupa-os no conjunto dos textos literários, denominando-os de “literatura jornalística” e salientando a sua função como heterogénea (com funções expositivas, argumentativas e instrutivas) (Hurtado Albir, 2016: 504). Para Reiss (2002), um texto pode várias funções, sendo que dentro do mesmo texto, várias funções podem coexistir (Reiss, 2002: 41-42). Assim, a autora define que a língua pode desempenhar funções representativas, expressivas e apelativas. Quando a função predominante num texto é representativa, o texto é informativo, pois o seu objetivo é transmitir um determinado conteúdo; quando a função é predominantemente expressiva, como por exemplo no caso de textos

literários, o texto é expressivo; quando o objetivo do texto é apelar ao leitor, Reiss (2002: 42-43) considera que o texto é incitativo:

Função da linguagem	Dimensão da linguagem	Tipo de textos
Representação	Lógica	Informativo
Expressão	Estética	Expressivo
Apelo	Expressiva	Incitativo

Tabela 1: Tipologias textuais de Reiss

Para Reiss (2002: 45), a tradução deve ser realizada em função da análise do papel predominante da língua no texto.

2.3.2. Caracterização dos géneros jornalísticos

Martínez Albertos (1983: 276-278) propõe uma distinção fundamental nos géneros jornalísticos, que é a existência de dois grandes géneros jornalísticos: um género informativo, que dá a conhecer os acontecimentos e um género de opinião, que dá a conhecer ideias baseadas nos acontecimentos noticiados. Acrescenta ainda Martínez Albertos a existência de géneros híbridos, que denomina de “interpretativos” (Albertos, 1983: 289). Casasús (*apud* Zaborras & Hernández Guerrero, 2005: 90) divide os géneros jornalísticos em três grupos: géneros informativos, interpretativos e argumentativos.

Martínez Albertos (1983: 272, tradução minha) define os géneros jornalísticos como “as diferentes modalidades de criação linguística, destinadas a ser canalizadas através de qualquer meio de difusão coletiva e com o objetivo de atender aos dois grandes propósitos da informação da atualidade: o relato de acontecimentos e o juízo de valor que tais acontecimentos provocam”. A referida dinâmica dos géneros jornalísticos, dentro dos géneros informativo e de opinião, explica porque é que há uma abundância de tipologias apresentadas por diferentes autores, o que torna por vezes difícil de classificar os textos jornalísticos. Apresentam-se em seguida algumas classificações de géneros jornalísticos, com as respetivas semelhanças e diferenças:

- Gradim (2000: 99) considera como géneros a notícia, os títulos, o editorial, a reportagem, o fotojornalismo, a legenda, os *fait divers*, a opinião, a crónica, a entrevista e a fotolegenda, embora considere que “é discutível se a fotolegenda constitui propriamente um género, ou se é simplesmente o resultado do amalgamar de todas as técnicas anteriores, com

especial ênfase para as utilizadas na crónica e *fait-divers*.”;

- Crato (1986: 138) define os géneros jornalísticos como “rotinas própria da escrita, caracterizadas em cada caso por fatores variáveis, desde a forma como aparece a posição do autor, o estilo, o tema, até fatores como a apresentação e dimensão”. O autor (1986: 144) afirma que os géneros descritos não são exaustivos nem definitivos, aludindo ao aspeto dinâmico dos textos jornalísticos. Os géneros enumerados pelo autor são a notícia, a breve, os *fait divers*, a reportagem, a entrevista, o inquérito, o artigo de análise, o editorial, o artigo de opinião, a crónica, o eco – um “pequeno comentário crítico ou humorístico que não ultrapassa as vinte, trinta linhas”, a crítica, o correio do leitor e o correio do coração;
- Martín Vivaldi (1986) propõe os seguintes géneros: a reportagem, a crónica e o artigo jornalístico;
- De Fontcuberta (1993) propõe a existência de quatro géneros jornalísticos: a notícia, a reportagem, a crónica e o artigo ou comentário.

Martínez Albertos (1983: 291), partindo da tipologia de géneros informativos, interpretativos e argumentativos, define os seguintes tipos de artigos: notícia (a qual denomina de “informação”), a reportagem objetiva, a reportagem interpretativa, a crónica e o artigo ou comentário.

A proposta de classificação de Martínez Albertos (1983: 291) inclui aspetos como a função textual e o modo discursivo de cada género, sendo suficientemente ampla e dinâmica para agrupar uma grande variedade de artigos. Em seguida, apresenta-se uma tabela com a classificação dos géneros e respetivos tipos de artigos por Martínez Albertos:

Género	Estilo	Função textual	Modo discursivo
Informação	Informativo de primeiro nível	Informar e relatar	Narração ou descrição de acontecimentos
Reportagem objetiva			
Reportagem interpretativa	Informativo de segundo nível	Interpretar e analisar	Exposição de acontecimentos e razões
Crónica			
Artigo ou comentário	Editorializante	Opinar e persuadir	Argumentação de razões e ideias

Tabela 2: Classificação de géneros de Martínez Albertos

2.3.2.1. Os géneros informativos

O objetivo dos géneros informativos é fazer o relato de um acontecimento, ou seja, proporcionar ao leitor uma “informação de primeiro nível” (Albertos, 1983: 287-288). Aqui, entram a notícia e a reportagem. Martínez Albertos (1983: 298) faz a distinção entre a notícia como facto noticiável e a notícia como texto, denominando-a de “informação”. A informação é um texto escrito com os elementos básicos – *lead* e corpo em forma de pirâmide invertida – sendo ocasional, irrepetível, com um estilo sóbrio e objetivo (Albertos, 1983: 280).

A reportagem é, para Albertos (1983: 280), a explicação de factos atuais ou menos atuais: o foco do texto está nas razões que levaram a que um determinado acontecimento sucedesse. É, tal como a informação, ocasional e irrepetível, mas o estilo é mais narrativo e criativo. Martín Vivaldi (1986: 65, tradução minha) define a reportagem como “um relato jornalístico essencialmente informativo, livre em relação ao tema, objetivo quanto ao modo e escrito de preferência em estilo direto, no qual se dá conta de um facto ou acontecimento de interesse atual ou humano”. Este tipo de reportagem está associado ao que Martín Vivaldi (1986: 66) denomina de *fact story*, ou seja, uma narrativa objetiva apresentada em módulo de pirâmide invertida.

2.3.2.2. Os géneros interpretativos

A função dos géneros interpretativos é semelhante à dos géneros informativos, mas neste tipo de artigos, o autor tem mais liberdade para exprimir opiniões. Para Hernández Guerrero, são géneros mais pessoais, onde deve haver um equilíbrio entre juízos de valor e informação (Zaborras & Hernández Guerrero, 2005: 90-91). O seu objetivo é abordar os acontecimentos em profundidade e explicá-los, recorrendo a um equilíbrio entre o relato e o comentário (De Fontcuberta, 1993: 103). É a “informação de segundo nível” a que Martínez Alberto se refere. Nos géneros interpretativos, encontramos a reportagem interpretativa (ou explicativa) e a crónica.

As características da reportagem interpretativa são semelhantes às do artigo de análise, que é “uma forma híbrida entre a notícia desenvolvida (ou a reportagem) e o artigo de opinião” (Crato, 1986: 143). O artigo de análise/reportagem interpretativa tem como foco acontecimentos que já foram noticiados, fornecendo informação analisada sob a perspetiva do autor. Martínez Albertos (1983: 352) refere quatro elementos que compõem a reportagem interpretativa: conhecimento suficiente dos factos atuais; recolha de informação sobre antecedentes dos factos; referências atuais que documentam o acontecimento e uma análise das consequências previsíveis. Martín Vivaldi (1986: 69) refere que, dentro da reportagem explicativa, podem encontrar-se dois tipos de artigo: *action story* e *quote story*. Uma reportagem de tipo *action story*, a informação é apresentada por ordem de importância, enquanto na *quote story*, a informação é intercalada com excertos de entrevistas. Para Mar De Fontcuberta (1993: 103-104), a entrevista pode ser considerada um género em si mesmo.

A crónica é considerada por Martínez Albertos (1983: 280-281) como fazendo parte dos géneros informativos e é descrita como uma narração de factos com alguns elementos valorativos, com continuidade de publicação, ao contrário da reportagem, seja esta objetiva ou interpretativa. O seu estilo é um equilíbrio entre objetividade e criatividade. Martín Vivaldi (1986: 127) distingue a crónica da reportagem explicativa, salientando o elemento pessoal da crónica, na qual o autor comenta e ordena os factos à sua maneira e imprimindo a sua personalidade no texto.

2.3.2.3. Os géneros argumentativos

Enquanto os géneros informativos servem para dar a conhecer factos e acontecimentos, os géneros argumentativos servem para dar a conhecer ideias (De Fontcuberta, 1993: 102).

Nestes, incluem-se o artigo (de opinião) e o editorial (Martínez Albertos, 1983: 291). Estes são textos onde se exprimem ideias e opiniões relativas a acontecimentos noticiados (Zaborras & Hernández Guerrero, 2005: 91). Podem ser ocasionais ou ter periodicidade e o estilo de escrita não está constrangido de todo a uma estrutura pré-definida, embora no caso do editorial, este se deva cingir às normas gerais do estilo informativo (Martínez Albertos, 1983: 281-282). Martínez Albertos refere que a autoria (1983: 281) de um artigo de género argumentativo é importante, pois é um género que normalmente é encomendado a um especialista ou autoridade sobre o assunto.

Enquanto o artigo de opinião é um texto no qual o autor, que pode ser uma personalidade conhecida ou um jornalista, apresenta o seu ponto de vista sobre um acontecimento (Crato, 1986: 143), o editorial apresenta uma posição coletiva do respetivo meio de comunicação sobre um determinado assunto.

Gradim (2000: 81) define o editorial como um artigo de opinião da responsabilidade da direção da publicação, cujo ponto de vista apresentado é o da publicação. O editorial estabelece a posição da publicação relativamente a um acontecimento, não sendo por vezes assinado pelo autor (2000: 81-82):

“Há jornais que têm mais de um editorialista, e em tais casos, para além do editorial fixo do diretor, as notas, comentários e textos que acompanham outras secções do jornal não são assinadas, assim se vincando o carácter coletivo de tais tomadas de posição. Na imprensa portuguesa, regra geral, os jornais publicam apenas um editorial, da responsabilidade do diretor ou elementos da direção, prevalecendo, e muito bem, a tradição de identificar o autor desses textos”.

3. A tradução jornalística: apresentação de um estudo de caso

O estudo de caso que é apresentado neste relatório diz respeito a uma análise qualitativa de quatro artigos traduzidos no âmbito de um estágio curricular de seis meses, que decorreu na revista *Courrier International*, entre fevereiro de 2014 e agosto de 2014.

Durante esse período de seis meses, foram traduzidos por mim cerca de 20 artigos, entre reportagens (objetivas e interpretativas), artigos de opinião e entrevistas. O estágio foi realizado à distância, por teletrabalho. No início de cada mês, recebi entre um a dois artigos para traduzir, num prazo entre 2 a 3 dias após a receção. Esses artigos que me chegavam eram traduções para francês de artigos selecionados pela publicação-mãe em França e a minha função consistia em traduzir a tradução francesa para português. No entanto, fui incentivada a trabalhar com o artigo na língua original, sempre que tal me era possível.

Como se poderá verificar nas análises contrastivas que se apresentam nos pontos 3.2.1. e 3.2.2., apesar de ter a possibilidade de traduzir diretamente artigos na sua língua original para português (exceto em casos nos quais a língua original não era uma das minhas línguas de trabalho), o texto de partida foi sempre a tradução francesa. Quando tinha acesso ao artigo na língua original, esse texto era utilizado como uma referência para resolver ambiguidades ou tirar dúvidas acerca do sentido de algumas frases. O meu trabalho seguiu esta linha porque me apercebi de que havia diferenças consideráveis entre o artigo original e a tradução francesa. Essas alterações consistiram em mudanças de títulos, reescrita de aberturas (ou adição de aberturas, quando não as havia no artigo original), eliminação de texto ou adição de texto, apenas para citar alguns exemplos. Ao considerar que não tinha experiência suficiente para tomar decisões relativamente às alterações a fazer na tradução portuguesa, decidi tratar a tradução francesa como texto de partida e analisar as diferenças entre o artigo original e essa tradução como forma de aprendizagem. É de salientar que me foi dada liberdade para realizar operações de *transediting*, mas não com esta terminologia: foi referida a necessidade de adaptar o texto ao público português e que essa responsabilidade me cabia não só a mim, mas a quem fizesse a revisão posterior.

Ao aproximar-se a data de fim do estágio, senti que já tinha alguma autonomia na tomada de decisões relativas a modificações do texto de partida (em francês, ainda) para a tradução portuguesa. Esta autonomia levou-me a tomar decisões em relação a títulos, aberturas e entretítulos. No corpo do texto, procedi a alterações de base cultural, sempre que houve essa necessidade.

Os artigos apresentados fazem parte do leque de artigos que traduzi ao longo de seis meses de estágio e foram selecionados por serem representativos de alguns dos tipos de artigos que se publicam na revista. Este estudo de caso é uma representação empírica do tipo de artigos e de operações de *transediting* que se realizam em artigos de opinião e reportagens.

3.1. A revista *Courrier International*: apresentação da entidade acolhedora

A publicação *Courrier International* surgiu nas bancas em abril de 2005. Nessa altura, a revista era publicada semanalmente, num formato bastante semelhante ao *Courrier International* francês. Em janeiro de 2008, passou a ser publicada mensalmente, em formato revista. O número de vendas é de 16 mil exemplares, entre vendas em banca e assinaturas.

A revista *Courrier International* é publicada em Portugal pela Impresa. Este grupo de comunicação social foi fundado em 1973 por Francisco Pinto Balsemão e publica, entre outros títulos, o jornal semanário *Expresso*. Este jornal está nas bancas desde 1973, abordando temas informativos de política, economia, sociedade, cultura, desporto e internacional. Em 2014, o jornal passou a ter uma edição diária em formato digital, publicada de segunda a sexta-feira ao final da tarde.

A redação da revista *Courrier International* foi fundida em 2009 com a redação da secção Internacional do jornal semanário *Expresso*, composta por Cátia Bruno, Cristina Peres, Cristina Pombo, Helder C. Martins, Margarida Mota e Pedro Cordeiro. Rui Cardoso é o diretor da revista. Outros colaboradores são Dulce Salomé (secretariado), João Carlos Santos (fotografia), Carla Monteiro e Luís Silva (revisão) e Beatriz Barosa, Marco Grieco, Mónica Damas, Paulo Lima Santos, Pedro Figueiral, Pedro Lourenço e Teresa Hasse e Silva (design). Os tradutores que colaboram com a revista também surgem na ficha técnica.

Os artigos publicados são selecionados não só do *Courrier International*, mas também de outras publicações de todo o mundo. Estes chegam à redação graças às leituras pessoais de cada membro da equipa e às recomendações de correspondentes do *Expresso*. Após a seleção feita pelos membros da redação, os artigos são enviados aos tradutores, que traduzem os artigos para português. Usualmente, as línguas de partida são o francês, inglês e espanhol, já que artigos escritos numa outra língua que não as referidas chegam ao tradutor já traduzidos para francês. Após a entrega das traduções para português, os jornalistas do *Courrier* editam o texto e colocam-

no em página, escolhendo ilustrações, fotografias ou infografias que apoiam o texto. Reveem esses textos depois, já em página, acrescentando dados de contexto, apontamentos e observações.

A seleção dos artigos é baseada em valores-notícia como a atualidade, mas não a mais imediata. Em resposta a questões colocadas a Pedro Cordeiro, jornalista do *Expresso* e do *Courrier International*, para a elaboração deste relatório, os critérios de seleção baseiam-se nos grandes temas mundiais, agrupados em secções como geopolítica, cultura, economia, multimédia, ecologia, ciência, artes e viagens.

A maior parte dos artigos publicados na revista são reportagens, análises, perfis, entrevistas, artigos de opinião, portefólios e pequenos textos.

3.2. A tradução jornalística: uma proposta de análise

Na sua proposta de tipologia textual, Reiss (2002: 45) considera que os textos jornalísticos são predominantemente informativos, já que a língua é utilizada como meio para comunicar um determinado conteúdo. Contudo, a autora considera que é necessário estabelecer uma distinção dentro dos textos jornalísticos entre artigos cuja única função é informar o público de forma “sucinta, verídica e completa” e artigos de comentário, cuja autoria é conhecida e muitas vezes célebre e que têm características literárias (Reiss, 2002: 45). Independentemente desta distinção, Reiss (2002: 46) considera que ambos pertencem a uma categoria de texto na qual a função predominante é informativa, pois o essencial do texto está no assunto tratado ou comentado.

Numa perspetiva alargada de análise dos géneros jornalísticos, tendo em conta as suas características e o tipo de texto, propõe-se em seguida um quadro de análise que associa as classificações de géneros propostas por Martínez Albertos (1983) e Casasús (1991) com as tipologias textuais de Reiss (2002).

Género	Estilo	Função textual	Modo discursivo	Género	Tipo de texto
Informação	Informativo de primeiro nível	Informar e relatar	Narração ou descrição de acontecimentos	Informativo	Predominantemente informativo
Reportagem objetiva					
Reportagem interpretativa	Informativo de segundo nível	Interpretar e analisar	Exposição de acontecimentos e razões	Interpretativo	Predominantemente informativo/expressivo
Crónica					
Artigo ou comentário	Editorializante	Opinar e persuadir	Argumentação de razões e ideias	Argumentativo	Predominantemente informativo/incitativo

Tabela 3: Classificação de géneros de Martínez Albertos associada às tipologias textuais de Reiss

Esta proposta será utilizada na análise dos artigos traduzidos para o *Courrier International*, associada às já descritas técnicas de *transediting*.

3.2.1. Em torno da reportagem

Em seguida, apresentam-se dois exemplos de reportagem, uma delas objetiva e a outra interpretativa. A reportagem objetiva, cujo título é *A revolução digital que não aconteceu*, tem como tema as restrições impostas aos cidadãos cubanos na compra de computadores e materiais informáticos. A reportagem interpretativa, intitulada *O amor só dura o tempo de um toque ou O amor só toca uma vez*, mostra como os telemóveis se transformaram no motor do enredo de filmes indianos.

3.2.1.1. Reportagem objetiva: “A revolução digital que não aconteceu”

Título: A revolução digital que não aconteceu

Língua original: espanhol (variante cubana)

Género jornalístico: reportagem objetiva (com entrevistas)

Tipo de texto: informativo

Função da linguagem: predominantemente representativa

Este artigo foi publicado inicialmente em formato digital no blogue cubano *14ymedio*, e é da autoria de Rosa López. O *14ymedio* é um jornal digital, fundado por Yoani Sánchez, e é considerado o primeiro meio de comunicação independente do regime castrista. Aliás, esta informação é introduzida no próprio artigo, para contextualizar o leitor estrangeiro.

O tema do artigo é a liberalização da venda de artigos informáticos em Cuba, e as dificuldades que os cubanos vivem diariamente para os poderem adquirir. Raúl Castro autorizou, em 2008, a venda livre de produtos informáticos na ilha. No entanto, o mercado oficial apenas dispõe de produtos obsoletos e demasiado caros e a importação de artigos mais recentes é extremamente complicada, para além de cara. Confrontados com imperativos profissionais e académicos, os cubanos tiveram de arranjar estratégias mais ou menos ilegais para poderem comprar computadores e periféricos. Em forma de reportagem, e recorrendo a testemunhos de cubanos que compraram computadores no mercado negro, e de outros que os importam ilegalmente para o país, a jornalista relata os casos dessas pessoas que têm de ultrapassar obstáculos para poderem trabalhar e estudar com o auxílio de ferramentas informáticas.

O artigo foi inicialmente traduzido de espanhol (variante cubana) para francês e, posteriormente, traduzido de francês para português. A tradução francesa, que foi seguida de perto na tradução portuguesa, apresenta diversas operações de *transediting*, particularmente *transediting* situacional e cultural.

No caso de operações de *transediting* situacional, ocorrem amplificações linguísticas, compressões linguísticas e elisões. As amplificações linguísticas no âmbito de operações de *transediting* situacional configuram mudanças de ponto de vista, referências geográficas que localizam o leitor em relação à ação e adição de elementos textuais que não se encontram no artigo original, para o adequar ao público-alvo. As compressões linguísticas e elisões resumem elementos redundantes do texto, ou eliminam-nas totalmente, para tornar o artigo mais escorreito e reduzir o seu número de caracteres.

Em relação às operações de *transediting* cultural, neste caso encontram-se amplificações linguísticas, nas quais é acrescentada informação que esclarece elementos do artigo que poderão ser desconhecidos do público-alvo. Uma amplificação linguística digna de nota é a introdução de uma caixa de texto, que informa o leitor sobre a origem do meio onde este artigo foi publicado. Em seguida, procede-se à apresentação de alguns exemplos de *transediting* neste artigo.

Original (ES)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Conseguir un ordenador, el imparable frenesí	La révolution informatique n'a pas eu lieu	A revolução digital que não aconteceu	<i>Transediting</i> situacional – amplificação linguística

Tabela 4: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de *transediting* situacional com amplificação linguística

A primeira alteração significativa neste artigo surge na mudança do título. Há uma mudança de ângulo do texto original para a tradução francesa, na qual o título resume numa frase o tema do artigo. A mudança de ângulo torna o artigo mais apelativo para o leitor estrangeiro, fazendo também um jogo de palavras e de ideias com o conceito de “revolução cubana”.

Original (ES)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Una de las primeras medidas tomadas por Raúl Castro al comenzar su mandato en 2008 fue permitir el libre comercio de computadoras, periféricos informáticos y otros electrodomésticos en las tiendas estatales.	L'une des premières mesures de Raúl Castro, à son arrivée au pouvoir, en 2008, consistait en effet à autoriser la vente libre d'ordinateurs dans les magasins d'Etat.	Uma das primeiras medidas de Raúl Castro quando chegou ao poder, em 2008, foi autorizar a venda livre de computadores nas lojas do Estado.	<i>Transediting</i> situacional – compressão linguística

Tabela 5: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de *transediting* situacional com compressão linguística

São omitidos os outros produtos vendidos nas lojas do Estado em Cuba, possivelmente para tornar a frase mais sucinta e poupar espaço na página.

Original (ES)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
-	-	Infoexcluídos à força	<i>Transediting</i> situacional – amplificação linguística

Tabela 6: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de *transediting* situacional com amplificação linguística

Aqui, é adicionado um subtítulo que não se encontra nem no texto original, nem na tradução francesa. A intenção é marcar uma diferença entre a parte anterior do artigo, que introduz o leitor no tema e a seguinte, na qual são narradas histórias pessoais.

Original (ES)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Hay que utilizar el ingenio o cometer muchas ilegalidades para conseguir una computadora personal	-	-	<i>Transediting</i> situacional - elisão

Tabela 7: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de *transediting* situacional com elisão

O subtítulo em espanhol foi eliminado. É redundante na tradução portuguesa, porque já foi introduzido anteriormente um outro subtítulo que reconfigura o texto de forma semelhante.

Original (ES)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Estas cifras son producto de las restricciones que regían en el país desde 2003 sobre la venta de PC. Solo los extranjeros residentes en la Isla, las empresas y determinados colectivos (médicos, artistas, científicos...) podían comprar estos equipos, una medida justificada desde el Gobierno por la crisis energética y la necesidad de priorizar sectores que trabajaran "al servicio de la sociedad". El resto	Pour justifier sa politique restrictive, le gouvernement a longtemps invoqué la crise énergétique et la nécessité de donner la priorité à des secteurs "au service de la société". Pour posséder un ordinateur personnel, la grande majorité de la population devait donc s'en remettre au système D ou bien enfreindre la loi.	Para justificar a sua política restritiva, o governo utilizava há muito tempo a crise energética, que levava à necessidade de dar prioridade a sectores "ao serviço da sociedade". A grande maioria da população tinha de se desembaraçar de outras formas, ou enfrentar a lei.	<i>Transediting</i> situacional e cultural – compressão linguística e amplificação linguística

de la población debía utilizar el ingenio o cometer muchas ilegalidades para conseguir una computadora personal.			
--	--	--	--

Tabela 8: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de *transediting* situacional e cultural com compressão e amplificação linguística

Na tradução francesa, optou-se por reescrever a primeira frase de forma mais sucinta, referindo as razões pelas quais o governo cubano pôs em prática as restrições à venda de computadores; ou seja, houve uma compressão linguística. Ao mesmo tempo, utiliza-se uma expressão coloquial francesa para explicar como é que os cidadãos cubanos contrariam essas restrições. Na tradução portuguesa, a opção foi seguir o *transediting* realizado na tradução francesa, embora a força coloquial da expressão “système D” tenha sido reduzida com a utilização do verbo “desembaraçar-se”.

Original (ES)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
De ahí la sensación de llegada de Reyes Magos que embargó a muchos cuando las primeras computadoras salieron a la venta libre. Uno de los pioneros en el mercado fue un modelo chino, marca QTECH, cuyo precio oscilaba entre los 700 y los 800 CUC, el salario de tres años de un profesional. Se ofertaban, además, equipos sin monitor por la friolera de 610 CUC, pero los adictos a la tecnología no se desanimaron.	D’où la sensation d’ivresse qui s’est emparée de nombreux Cubains quand les premiers ordinateurs sont apparus en vente libre. L’un des pionniers du marché était un modèle chinois de la marque Q-Tech, vendu entre 700 et 800 CUC [“pesos convertibles”, l’une des deux monnaies en vigueur à Cuba, à parité avec le dollar] , soit trois ans de salaire pour le travailleur lambda [qui, de surcroît, est le plus souvent	Por isso é que muitos cubanos se sentiram como se fosse Natal quando os primeiros computadores em venda livre apareceram no mercado. Um dos pioneiros do mercado foi um modelochinês da Q-Tech, com um preço entre 700 a 800 CUC [pesos convertíveis, uma das duas moedas em vigor em Cuba, em paridade com o dólar] , ou seja, três anos de salário de um trabalhador comum [que, ainda por cima, é normalmente pago em pesos	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística

payé en “pesos cubains”, d’une valeur 30 fois moins élevée, et non en CUC]. On trouvait aussi du matériel sans écran pour la bagatelle de 610 CUC... Pour autant, les accros aux technos ne se sont pas découragés.	cubanos, que valem 30 vezes menos, e não em CUC]. Também se podiam encontrar computadores sem ecrã por apenas 610 CUC... Ainda assim, isso não desencorajou os viciados em tecnologia.
---	--

Tabela 9: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

Aqui, há uma alteração cultural do texto original para a tradução francesa, que se optou por recuperar na tradução portuguesa. Há uma referência ao Natal (“Reyes Magos”), que foi alterada para “sensation d’ivresse” (sensação de inebriamento), que surge novamente em português com a referência ao Natal. A diferença entre a expressão utilizada no texto original e na tradução portuguesa diz respeito à alteração da referência aos Reis Magos para Natal, já que, em Portugal, a troca de presentes acontece na noite de Natal ou no próprio dia 25 de dezembro. Também há a necessidade de contextualizar o leitor estrangeiro relativamente ao sistema monetário cubano, o que feito através da inserção de informação no artigo, apresentada entre parêntesis retos.

Original (ES)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
En Revolico se anuncia todo tipo de mercancía, incluyendo ropas, calzados y equipos electrodomésticos. También promocionan servicios, ofrecen empleos, publicitan cafeterías, lugares donde hospedarse, venta de casas, permutas y hasta mascotas. Pero la sección que domina –	On trouve de tout sur ce Bon Coin à la cubaine : vêtements et chaussures, électroménager, mais aussi des offres de services et d’emploi, de la publicité pour des cafés et des hébergements, des biens immobiliers à vendre, des maisons à échanger et même des animaux de compagnie. Mais la rubrique la mieux	É possível encontrar de tudo neste OLX à cubana : roupa e sapatos, eletrodomésticos, mas também ofertas de serviços e de emprego, publicidade de cafés e de quartos para alugar, imobiliário, permutas e mesmo até animais de estimação. Mas a secção que domina, com mais de 150 mil anúncios, é a dos	<i>Transediting</i> cultural e situacional – amplificação linguística e elisão

con más de 150.000 anuncios-. es la de ordenadores, piezas, periféricos y programas informáticos. Abundan las ofertas para escoger. Ese fue el camino por el que finalmente Alejandro alcanzó su sueño.	fournie, avec plus de 150 000 annonces, est celle des ordinateurs, pièces, périphériques et programmes informatiques.	computadores e peças, periféricos e software.	
---	---	---	--

Tabela 10: Anexo VI – Artigo 1 – Exemplo de *transediting* cultural e situacional com amplificação linguística e elisão

Aqui, para explicar ao leitor o que é o Revolico, sem recorrer a informação adicional entre parêntesis rectos, optou-se por dar o exemplo de sítios *web* semelhantes em França (*Bon Coin*) e em Portugal (OLX). Também se omitiu a última frase, por ser redundante e para poupar espaço.

Original (ES)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Los que viajan no comercian directamente con los clientes, sino que la venta se realiza a través de intermediarios como Moisés que gana entre el 7 y el 10% del pago cuando logra concretar una entrega. "Yo le suministro también a artistas que me piden cosas muy exclusivas. Hace unos días un famoso trovadorquería un MacBook Pro con Core i7, así que tuve que mandarme a correr", cuenta	Ceux qui "important" la marchandise à Cuba ne rencontrent pas les clients : la vente est réalisée par des intermédiaires comme Moisés, qui perçoit 7 à 10 % du prix pour chaque transaction menée à bien. " <i>Je fournis aussi des artistes qui me demandent des produits très rares</i> ", se rengorge-t-il.	Quem faz a "importação" da mercadoria para Cuba não se encontra com os clientes: a venda é feita por intermediários como Moisés, que recebe 7% a 10% do preço, por cada transação efetuada. " <i>Também costumo fornecer a artistas que me pedem produtos raros</i> ", refere orgulhosamente.	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística e elisão

alardeando de su eficiencia.			
-------------------------------------	--	--	--

Tabela 11: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística e elisão

Na tradução francesa, há uma mudança de tom em relação ao artigo original, para salientar o carácter de contrabando do material informático. Ao mesmo tempo, é omitida a última frase, por se considerar redundante.

Original (ES)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
La brecha digital se abre también entre quienes tienen acceso a la moneda convertible y quienes no, entre las provincias y la capital cubana.	La fracture numérique est béante aussi entre les Cubains qui ont accès au peso convertible et les autres, entre ceux qui habitent dans les provinces et ceux qui vivent à La Havane.	O fosso digital ainda se abre mais entre os cubanos com acesso ao peso convertível e os outros, entre os que vivem na província e os que vivem em Havana.	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística

Tabela 12: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

Aqui, optou-se por se utilizar o nome da capital cubana, para recontextualizar o leitor em termos geográficos.

Original (ES)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Cruzar la frontera	-	Fintar o controlo	<i>Transediting</i> situacional – amplificação linguística

Tabela 13: Anexo VI – Artigo 1 - Exemplo de *transediting* situacional com amplificação linguística

Aqui, recupera-se o entretítulo do artigo original, resumindo o que vai ser lido em seguida: como entrar em Cuba com material informático de contrabando.

Original (ES)	Tradução Courrier (FR)	Tradução Courrier (PT)	Observações
-	Box Source 14ymedio La Havane (Cuba) www.14ymedio.com Ce journal numérique "fait à Cuba" est le premier média indépendant conçu et diffusé sur l'île depuis plus d'un demi-siècle. Fondé par la célèbre blogueuse Yoani Sánchez, récompensée par de nombreux prix internationaux, il a été lancé le 21 mai.	Box Source 14ymedio Havana (Cuba) www.14ymedio.com Este jornal digital "feito em Cuba" é o primeiro meio de comunicação independente concebido e difundido na ilha em mais de meio século. Fundado pela célebre blogger Yoani Sánchez, vencedora de numerosos prêmios internacionais, foi lançado a 21 de maio.	<i>Transediting</i> cultural –amplificação linguística

Tabela 14: Anexo VI – Artigo 1 – Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

Esta caixa de texto, que não faz parte do artigo original, foi introduzida nos artigos traduzidos, para fornecer informação adicional ao leitor sobre a publicação da qual o artigo foi selecionado.

3.2.1.2. Reportagem interpretativa: “O amor só dura o tempo de um toque ou O amor só toca uma vez”

Título: O amor só dura o tempo de um toque ou O amor só toca uma vez

Língua original: Inglês

Gênero jornalístico: reportagem interpretativa (com entrevistas)

Tipo de texto: informativo

Função da linguagem: representação/expressão

Publicada a 4 de junho de 2014, esta reportagem, da autoria de Mridula Chari, foca um fenómeno social muito popular entre os jovens indianos, que consiste em fazer chamadas de

telemóvel, desligando-as antes que sejam atendidas, e a sua adaptação como enredo para o cinema indiano. Esta reportagem difere da reportagem objetiva apresentada anteriormente, pois o tom do autor é ligeiro e são apresentados alguns dos seus pontos de vista de forma subtil ao longo do artigo.

A tradução francesa, que serviu de base à tradução realizada no âmbito do estágio, tem um corte de 237 palavras (de 992 palavras no original para 757 palavras da tradução), um exemplo significativo do uso da elisão como operação de *transediting* situacional. Para além disso, o título da tradução francesa é bastante diferente, tal como a abertura do texto. Como nos casos anteriores, a tradução portuguesa foi feita com base na tradução francesa, apresentando-se a análise contrastiva nas três línguas.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Why regional films across India are expressing love through missed calls	L'amour ne tient qu'à un driiing Ou L'amour ne sonne qu'une fois	O amor só dura o tempo de um toque ou O amor só toca uma vez	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística

Tabela 15: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

O título original deste artigo é bastante informativo e direto. A opção em francês e em português foi criar um título que resume o essencial do texto de forma humorística, em linha com a ligeireza do texto.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Filmmakers in a variety of languages have realised that silence is gold – and, if it involves a cell phone, an excellent aid to screen romance.	Passer un coup de fil et raccrocher avant même que l'autre n'ait pu saisir l'appel. Cette technique de drague, très prisée des jeunes Indiens, a envahi la scène culturelle du pays.	Fazer uma chamada pelo telemóvel e desligar antes que a pessoa do outro lado possa atender tornou-se uma técnica de engate muito popular entre os jovens indianos, e invadiu a cena cultural do país.	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística

Tabela 16: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

A abertura do artigo original foi reescrita, colocando a ênfase no ato de fazer “chamadas perdidas” por telemóvel e como essa prática foi integrada nos enredos do cinema indiano.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
-	-	Telemóvel-cupido	<i>Transediting</i> situacional – amplificação linguística

Tabela 17: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* situacional com amplificação linguística

Aqui, optou-se por se introduzir um subtítulo que não existe no artigo original nem na tradução francesa, para introduzir a parte seguinte do artigo.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
In recent years, filmmakers across the country have realised just how essential cellphones have become to initiating and sustaining relationships, and missed calls have become a trope in regional films. Entire movie plots as well as songs are being crafted about the secret poetry of the missed call .	Ces dernières années, les réalisateurs indiens se sont rendu compte à quel point les téléphones portables contribuaient de façon essentielle à la naissance et à la poursuite des relations amoureuses. Depuis, les appels manqués sont devenus un point de départ récurrent des films tournés dans les langues régionales du sous-continent . Des chansons et des scénarios entiers reposent sur la poésie secrète de l'appel manqué .	Nos últimos anos, os realizadores indianos deram-se conta do papel que os telemóveis desempenham no início e no desenrolar de relacionamentos amorosos. Desde então, as chamadas perdidas tornaram-se um ponto de partida recorrente dos filmes rodados nas línguas regionais do sub-continente . Canções e filmes inteiros são concebidos com base na poesia secreta dos 'toques' de telemóvel .	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística

Tabela 18: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

Aqui, a amplificação linguística serve para localizar o leitor e ilustrar a diversidade cultural indiana.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
"Missed calls create suspense," said Ratnakar Tripathy, a researcher of Bhojpuri music and cinema. "Missed calls carry the simple crisp message – ‘call me back’. If a girl or a boy responds to a missed call, it means she or he is interested.	<i>"Ils sont source de suspense", affirme Ratnakar Tripathy, chercheur sur le cinéma et les chansons en bhojpuri [langue parlée dans le nord-est de l'Inde].</i> <i>"Les appels manqués transmettent un message parfaitement limpide: 'Rappelle-moi.' Si une fille ou un garçon donne suite, c'est qu'il ou elle est intéressé(e)."</i>	<i>"São uma fonte de suspense", diz Ratnakar Tripathy, investigador de cinema e de canções em bhojpuri [língua falada no nordeste da Índia].</i> <i>"As chamadas perdidas transmitem uma mensagem perfeitamente clara: 'Liga-me'. Se uma rapariga ou um rapaz lhes responderem, é porque estão interessados."</i>	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística

Tabela 19: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

Outro exemplo de amplificação linguística como operação de *transediting* cultural é a inserção de informação adicional explicativa, dentro de parêntesis rectos.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
In Kashmir, an entire film was made on the subject in 2009: it was called <i>Miss Call</i> . Give me a missed call or SMS, sing women clad in salwar kameezes as they dance rigidly in beautiful fields and rivers, and I will immediately say yes.	Au Cachemire, le film <i>Miss Call</i> a été consacré à la question en 2009. “ <i>Envoie-moi un appel manqué ou un SMS, je répondrai oui tout de suite</i> ”, chantent des femmes en tenue traditionnelle qui dansent d’un air guindé dans de magnifiques champs et rivières.	Em Cachemira, foi rodado um filme em 2009, intitulado <i>Miss Call</i> , dedicado a esta questão. “ <i>Dá-me um toque ou um sms, responder-te-ei que sim logo a seguir</i> ”, cantam as actrizes em trajes tradicionais , enquanto dançam rigidamente, rodeadas por magníficos campos e rios.	<i>Transediting</i> situacional – compressão linguística

Tabela 20: Anexo V – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* cultural com compressão linguística

Neste caso, optou-se por fazer uma amplificação linguística, em que se substitui o nome do traje tradicional indiano referido por “trajes tradicionais”, porque o leitor não consegue visualizar a indumentária e não foram publicadas fotografias retiradas do filme em causa.

3.2.2. Acerca do artigo de opinião e do editorial: “Uma democracia sequestrada” e “Uma direita à deriva, sem rumo nem timoneiro”

Os dois artigos de opinião apresentados têm um tema comum: a política. O primeiro artigo de opinião é sobre a situação política na Tailândia, enquanto o segundo é dedicado à tentativa de regresso de Nicolas Sarkozy ao panorama político francês.

No primeiro caso, o autor está identificado e defende os seus pontos de vista pessoais; no segundo caso, o autor não está identificado e as ideias defendidas são apresentadas de um ponto de vista impessoal. Este artigo tem elementos de editorial, já que à primeira vista representa uma opinião coletiva, mas segundo a linha editorial da publicação (*The Economist*), os artigos não são assinados pelo autor. Portanto, e embora possa ser encarado como um editorial, este artigo é considerado um artigo de opinião.

Título: Uma democracia sequestrada

Língua original: Inglês

Gênero jornalístico: artigo de opinião

Tipo de texto: argumentativo

Função da linguagem: expressão/persuasão

Este artigo é da autoria da jornalista tailandesa Achara Ashayagachat. Foi publicado inicialmente em maio de 2014 no jornal *Bangkok Post* e traduzido para a edição de junho da revista *Courrier International*.

É claramente um artigo de opinião, já que é apresentado pelo *Bangkok Post* como um “comentário”. Ao longo do artigo, o tom utilizado pela autora é de proximidade, utilizando inclusive a primeira pessoa para defender uma ideia. A autora descreve a situação política que se vivia naquele momento no país, criticando-a.

O tema do artigo é a demissão da primeira-ministra tailandesa de então, Yingluck Shinawatra, pelo Tribunal Constitucional, após se ter provado que esta transferira um alto funcionário público de um posto importante, para depois nomear outra pessoa, próxima do seu irmão. O irmão de Shinawatra é o anterior primeiro-ministro, deposto após um golpe de estado em 2006 e exilado em seguida. O ex-primeiro-ministro foi também julgado e condenado por abuso de poder.

O artigo em questão refere o afastamento de Yingluck Shinawatra e a autora defende que se devem realizar eleições democráticas e livres. O desenrolar dos acontecimentos não viria a ser esse, e atualmente, a Tailândia é governada por uma junta militar que chegou ao poder após Yingluck Shinawatra ter sido deposta.

O artigo de opinião foi publicado originalmente em inglês, sendo posteriormente traduzido para francês, e depois para português. Como se poderá verificar, o título foi reescrito, assim como foi acrescentado texto na tradução francesa.

Foram eliminadas seis frases do artigo original na tradução francesa, ou seja, de um artigo com aproximadamente 796 palavras, foram traduzidas 752. Destas seis frases, cinco pertenciam ao final do artigo, correspondendo aos quatro últimos parágrafos.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Thai people can't be stifled forever	Une démocratie tronquée	Uma democracia sequestrada	<i>Transediting</i> situacional – amplificação linguística

Tabela 21: Anexo IV – Artigo 3 - Exemplo de *transediting* situacional com amplificação linguística

A alteração do título sugere uma mudança de ângulo do povo para o sistema político vigente no país. A ideia de silenciamento e de sequestro mantém-se, mas o ângulo torna-se mais generalizado.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
India is choosing its premier in a marathon exercise in which voters had some incentives – discounts at petrol stations, restaurants, spas, stores and hospitals – to exercise their rights. The month-long election that features 815 million eligible voters in the world's largest democracy ends today, with results expected by Friday.	Ainsi, l'Inde choisit son Premier ministre au cours d'un marathon durant lequel les électeurs sont incités (par des réductions dans des stations-service, des restaurants, des spas, des magasins et des hôpitaux) à exercer leurs droits. Ce scrutin qui s'étale sur un mois concerne 815 millions de votants potentiels dans la plus grande démocratie du monde.	Assim, a Índia vai eleger o seu primeiro-ministro numa maratona durante a qual os eleitores são incentivados a exercer os seus direitos, graças a descontos em estações de serviço, restaurantes, spas, lojas e hospitais. O escrutínio, que se estende durante um mês, envolve 815 milhões de potenciais eleitores da maior democracia do mundo.	<i>Transediting</i> situacional – compressão linguística

Tabela 22: Anexo IV – Artigo 3 - Exemplo de *transediting* situacional com compressão linguística

Na frase assinalada, há uma compressão linguística em que se omite uma referência temporal da acção, para que o artigo não pareça datado.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Outgoing President Susilo Bambang Yudhoyono has had lots of time to say his goodbyes. On the weekend he had one last get-together with his Asean colleagues at their summit in the capital of Myanmar.	Le président sortant, Susilo Bambang Yudhoyono, a eu tout le temps qu'il lui fallait pour faire ses adieux. Il a rencontré une dernière fois ses collègues chefs d'Etat réunis lors du sommet de l'Asean [Association des nations de l'Asie du Sud-Est] dans la capitale du Myanmar les 10 et 11 mai.	O presidente cessante, Susilo Bambang Yudhoyono, teve todo o tempo de que precisou para fazer as suas despedidas. Encontrou-se pela última vez com os seus homólogos na cimeira da ASEAN [Associação das Nações do Sudeste Asiático] , que decorreu na capital de Myanmar a 10 e 11 de maio.	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística

Tabela 23: Anexo IV – Artigo 3 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

Uma amplificação linguística é utilizada para explicar o que é a ASEAN e para situar o leitor temporalmente em relação à cimeira desta organização internacional.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Yingluck Shinawatra was looking forward to the event too, but Thailand's prime minister was booted out by the court just days earlier for the unethical transfer of a senior civil servant two years ago.	Yingluck Shinawatra [au pouvoir depuis 2011] attendait elle aussi l'événement avec impatience, mais la Première ministre de Thaïlande a été destituée quelques jours avant sur décision de justice. Les juges de la Cour constitutionnelle lui reprochent un abus de pouvoir dans le transfert d'un haut fonctionnaire deux ans auparavant. [Ce transfert lui avait permis de nommer un proche de son frère Thaksin Shinawatra, l'ancien Premier ministre.]	Yingluck Shinawatra - no poder desde 2011 - aguardava impientemente o evento, mas a Primeira-Ministra tailandesa foi destituída alguns dias antes pela justiça. Os juízes do Tribunal Constitucional puniram-na por abuso de poder, devido à transferência de um alto funcionário dois anos antes. [Esta transferência permitiu-lhe nomear para o mesmo lugar um elemento próximo do seu irmão Thaksin Shinawatra, o anterior primeiro-ministro.]	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística

Tabela 24: Anexo IV – Artigo 3 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

Neste excerto, há dois tipos de amplificação linguística: por um lado, é dada informação sobre a primeira-ministra tailandesa, que se assume que o leitor estrangeiro desconhece; por outro lado, é introduzida mais informação no artigo, que não é da autoria de Achara Ashayagachat, mas que parece apresentada como tal.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Here in Thailand , an alliance of elites, conservatives, the judiciary, and the country's oldest political party do not seem convinced of that fact.	Or, en Thaïlande , une alliance composée des élites, des conservateurs, du pouvoir judiciaire et du plus vieux parti politique du pays [le Parti démocrate] n'en semble pas convaincue.	Mas, na Tailândia , uma aliança composta pelas elites, por conservadores, pelo poder judicial e pelo partido político mais antigo do país [Partido Democrático] não parece estar convencida disso.	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística

Tabela 25: Anexo IV – Artigo 3 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

É feita uma amplificação linguística de cariz cultural, onde “Aqui, na Tailândia” passa a “Mas, na Tailândia”, deslocando o ponto de vista. É também acrescentada informação para explicar qual é o partido político mais antigo do país:

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
If that makes me sound like a Pheu Thai sympathiser, I can tell you that I didn't vote for them. I wanted to teach them a lesson for betraying the spirit of their supporters with the blanket amnesty bill. Similarly, in 2011, I punished the Democrats for their fatal crackdown on anti-government protesters in 2010.	Cette position peut me faire passer pour un partisan de Pheu Thai, mais je peux vous dire que je n'ai pas voté pour eux. De même, en 2011, j'avais sanctionné les démocrates pour la répression meurtrière des manifestants hostiles au gouvernement en 2010. [Plus de 90 personnes sont mortes suite à l'intervention des forces de l'ordre dans le centre de Bangkok pour déloger des manifestants antigouvernementaux.]	Esta postura pode fazer-me passar por partidário do Pheu Thai, mas posso dizer que não votei neles. Da mesma forma, em 2011, condenei os democratas pela repressão mortal de manifestantes hostis ao governo em 2010. [Mais de 90 pessoas morreram devido à intervenção das forças policiais no centro de Banguecoque para remover os manifestantes anti-governo.]	<i>Transediting</i> cultural – elisão e amplificação linguística

Tabela 26: Anexo IV – Texto 3 - Exemplo de *transediting* cultural com elisão e amplificação linguística

Há duas operações de *transediting* a referir: por um lado, uma frase é omitida e, por outro lado, é acrescentada informação que explica um assunto referido pela autora.

Título: Uma direita à deriva, sem rumo nem timoneiro

Língua original: Inglês (variante britânica)

Género jornalístico: artigo de opinião

Tipo de texto: argumentativo

Função da linguagem: expressão/persuasão

Este texto foi publicado no jornal britânico *Financial Times*, um influente diário económico, cuja orientação editorial está próxima da economia liberal. O artigo não está assinado pelo/a autor/a, mas é claramente um texto onde se exprime uma posição relativamente ao ex-presidente francês Nicolas Sarkozy, e em relação à política francesa em geral. O facto de o/a autor/a exprimir a sua opinião não deixa margem para dúvidas de que se está perante um texto argumentativo.

Analisando a situação política e económica francesa, o/a autor/a argumenta que Nicolas Sarkozy não está em condições de ser uma alternativa à governação de François Hollande, embora Sarkozy faça tenções de regressar à política francesa.

Em comparação com os artigos anteriormente analisados, o texto não sofreu alterações radicais na tradução. Encontram-se principalmente operações de *transediting* situacional, que consistem na alteração do título original e na inserção de entretítulos e uma operação de *transediting* cultural, onde uma amplificação linguística contextualiza o leitor relativamente às questões judiciais nas quais Nicolas Sarkozy se encontra envolvido.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
The waning appeal of Nicolas Sarkozy	Une droite au-dessous de tout	Uma direita à deriva, sem rumo nem timoneiro	<i>Transediting</i> situacional – amplificação linguística

Tabela 27: Anexo VI – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* situacional com amplificação linguística

A alteração do título torna-o mais abrangente, mudando o foco da personalidade de Nicolas Sarkozy para uma visão geral da direita política em França. Esta é uma das ideias descritas no artigo e que é utilizada para o novo título.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
Whatever happens in court, he is not a leader for France	Casseroles et ambition font bon ménage chez les politiques français. Qui ne sont pas à la hauteur des enjeux que le pays doit relever.	A política francesa combina esqueletos no armário e ambição, numa mistura que não está à altura dos desafios que o país precisa de ultrapassar.	<i>Transediting</i> situacional – amplificação linguística

Tabela 28: Anexo VI – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* situacional com amplificação linguística

Como se pode verificar, a abertura da tradução francesa é uma reescrita e não uma tradução da abertura do texto original. A opção na tradução portuguesa foi seguir a tradução francesa.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
But on Tuesday the former head of state faced acute embarrassment when he was detained in police custody by an anti-corruption court investigating claims of “influence peddling”. It is thought to be the first time any former French president has been held in this way.	Mais [depuis le 2 juillet et sa mise en examen] , l’ancien chef de l’Etat se trouve dans une position plutôt embarrassante, [étant soupçonné] de “trafic d’influence”. Ce serait une première en France pour un ancien président.	Mas [desde que foi constituído arguido, a 2 de julho] , o antigo chefe de Estado encontra-se numa posição bastante embaraçosa, como suspeito de “tráfico de influências”. É uma estreia em França para um ex-Presidente da República.	<i>Transediting</i> cultural – amplificação linguística

Tabela 29: Anexo VI – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* cultural com amplificação linguística

Aqui, verifica-se que há uma mudança na informação temporal, em que “terça-feira” passa a “2 de julho”. Esta mudança assinala que o artigo foi publicado pelo *Courrier International* francês numa data posterior e, para que a informação fizesse sentido, a informação temporal foi alterada. Essa alteração foi seguida na tradução portuguesa, para manter esse sentido. Também se optou, na tradução francesa, por incluir claramente a informação de que o ex-presidente francês era “suspeito” de tráfico de influências. Na tradução portuguesa, essa informação foi incluída sem estar dentro de parêntesis retos. Essa opção foi tomada porque essa informação não desvirtua o

sentido do texto e não foi considerada informação adicional; é apenas uma clarificação que está presente no texto original.

Original (EN)	Tradução Courier (FR)	Tradução Courier (PT)	Observações
-	-	O “Presidente Bling-Bling”	<i>Transediting</i> situacional – amplificação linguística

Tabela 30: Anexo VI – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* situacional com amplificação linguística

Aqui, foi introduzido um subtítulo que faz referência a uma expressão utilizada para descrever Nicolas Sarkozy, que surge mais à frente no artigo.

Original (EN)	Original (EN)	Tradução Courier (PT)	Observações
		França: o doente europeu	<i>Transediting</i> situacional – amplificação linguística

Tabela 31: Anexo VI – Artigo 2 - Exemplo de *transediting* situacional com amplificação linguística

Este subtítulo segue a mesma ideia do subtítulo anterior: introduz uma quebra no texto, recorrendo a uma expressão utilizada mais à frente no artigo e torna a leitura mais apelativa.

4. Considerações finais

A revista *Courrier Internacional* é a edição portuguesa da revista francesa *Courrier International*, que foi localizada para o nosso mercado editorial. Entre 2005 (data da primeira edição) e a atualidade, a revista sofreu alterações gráficas e de periodicidade, de forma a melhor se enquadrar no mercado editorial português.

A função dos tradutores que colaboram com a revista é traduzir artigos e adaptá-los para português a partir de originais em francês, inglês e espanhol. A adaptação é linguística e cultural, mas também estrutural, já que os artigos seguem uma estrutura fixa, que consiste em título + abertura + texto intercalado com subtítulos. Assim, os artigos são alvo de uma série de operações de *transediting*, que incluem alterações mais ou menos significativas.

O objetivo deste relatório foi analisar o processo de tradução no *Courrier Internacional*, particularmente porque os géneros jornalísticos publicados na revista são geralmente géneros interpretativos e argumentativos. Como referido anteriormente, a investigação sobre tradução jornalística no campo dos Estudos de Tradução tem-se debruçado mais sobre a tradução dos géneros informativos. As investigações de Davies (2006), de Hernández Guerrero (2005, 2006) e de Ghignoli e Montabes (2014) dão um contributo para o estudo da tradução dos géneros interpretativos e argumentativos que, espero, este relatório também possa dar.

A tradução jornalística pressupõe alterações textuais que podem envolver reescrita total do texto, mudanças de estrutura ou pequenas adaptações para aproximar o artigo à cultura de chegada. A investigação na área mostra que é na notícia que se verificam as maiores alterações e que, consoante o género e o tom subjetivo do artigo, estas variam em maior ou menor grau, sendo que quanto mais subjetivo é o tom e quanto mais a autoria do artigo assume relevância, mais a tradução se aproxima do artigo original. Não pretendendo este relatório ser um estudo exaustivo sobre o tema, apresenta-se nele alguns exemplos de como o género, o tom e a cultura desempenham um papel nas escolhas de tradução de artigos jornalísticos e de como se pode relacionar o conceito de *transediting* com propostas de técnicas de tradução aplicadas ao jornalismo para sintetizar metodologias de trabalho para este tipo de tradução específico.

Nos casos apresentados, os artigos foram adaptados do original para a estrutura pré-estabelecida do *Courrier International*, do qual a revista portuguesa é uma versão localizada. A estrutura dos artigos é igual tanto na edição francesa como na edição portuguesa. Portanto, a maior parte da adaptação é feita pelos tradutores franceses, cabendo posteriormente aos

tradutores portugueses a tradução para português e consequentes operações de *transediting*. No entanto, no caso de artigos que não foram traduzidos para a edição francesa, é esperado que os tradutores da edição portuguesa os adaptem com a estrutura comum a ambas, tendo em todos os casos liberdade para escrever novos títulos e aberturas.

Foram analisados dois aspetos: a tipologia do artigo, no que diz respeito ao género a que pertence, e as alterações pelas quais os artigos passam na tradução da língua de partida para francês, quando o acesso a ambos os textos foi possível. Tentou perceber-se se o género jornalístico tem influência nas escolhas de tradução e qual o grau de liberdade que o tradutor tem para adaptar o texto, mesmo que isso implique alterações significativas face ao artigo original. Na edição portuguesa da revista *Courrier International*, o tradutor tem essa liberdade, sendo a sua autonomia encorajada. Para que tal aconteça, é importante que o tradutor desenvolva uma “sensibilidade jornalística”, ou seja, que se familiarize com os critérios de noticiabilidade e com as normas editoriais da publicação.

Existem dois tipos de alterações dignas de nota que são transversais a todos os artigos que foram apresentados neste relatório, independentemente do seu género, que são reescritas dos títulos e de subtítulos, ou a introdução de subtítulos ao longo dos artigos que não se encontram no texto original. Todos os artigos apresentados sofreram alterações nos títulos e nas aberturas: a reportagem objetiva sobre Cuba apresenta uma abertura diferente em relação ao artigo original, tal como a reportagem interpretativa sobre a Índia e o editorial sobre Sarkozy; o artigo de opinião sobre a Tailândia não tinha uma abertura na sua versão original, mas é-lhe acrescentada uma, para que se adeque à estrutura textual do *Courrier*.

No que diz respeito ao corpo de texto dos artigos apresentados, a maior parte das alterações que estes sofrem na tradução tem que ver com modificações textuais – operações de *transediting* situacional – que implicam cortes (elisões e compressões linguísticas) ou introdução/esclarecimento de informação (amplificações linguísticas). A reportagem interpretativa analisada apresenta mais exemplos de *transediting* cultural do que *transediting* situacional, possivelmente porque ao tratar-se de um artigo sobre uma realidade bastante diferente da realidade da cultura-alvo da tradução, houve uma maior necessidade de adaptação cultural. Essas operações de *transediting* cultural também são visíveis na tradução do artigo de opinião apresentado neste relatório, em particular no exemplo apresentado na tabela 24.

Hernández Guerrero argumenta que, ao serem traduzidos, os textos jornalísticos sofrem sempre adaptações à cultura de chegada e à nova situação comunicativa resultante, e que quanto

mais subjetivo é o artigo, mais a tradução se aproximará do original. Ao mesmo tempo, quanto mais rígida a estrutura do artigo, maior adaptação deve ser feita por parte do tradutor para que o texto traduzido se enquadre na publicação de chegada (Zaborras & Hernández Guerrero, 2005: 130-132).

Quando são referidos termos como “consciência jornalística” e adaptação à cultura e expectativas do público-alvo, esses termos são indissociáveis dos critérios de noticiabilidade ou valores-notícia. Com o intuito de estabelecer uma ponte entre o artigo original e o público-alvo, as diferentes técnicas de *transediting* são utilizadas para esclarecer e explicar factos que são externos à cultura de chegada. Inconsciente ou conscientemente, o tradutor privilegia valores-notícia como a simplificação (Bani, 2006: 37) e a consonância (Traquina, 2002: 200), de forma a que o artigo seja acessível e o leitor possa enquadrá-lo num contexto mais amplo. Exemplos disto são as amplificações linguísticas das tabelas 14, 16 e 23. No primeiro caso, trata-se de adição de informação relativa ao blogue no qual o artigo foi originalmente publicado; no segundo caso, explica-se uma sigla entre parêntesis retos; no terceiro caso, a abertura é completamente reescrita para ser mais narrativa.

Ao mesmo tempo, e como argumenta Hursti, os processos de *transediting* e de *gatekeeping* são faces da mesma moeda, pois ao traduzir e adaptar o artigo, o tradutor também exerce um papel de seleção de informação, associado aos constrangimentos organizacionais e culturais próprios do meio em que se insere. O artigo de opinião apresentado neste relatório ilustra esta questão, já que vários parágrafos foram eliminados na tradução para francês (e português) e foi adicionada informação que não foi escrita pelo autor (tabela 24). Este artigo constitui um exemplo atípico, já que se trata de um artigo de opinião, onde a subjetividade é predominante e, portanto, esperar-se-ia que a tradução seguisse o original mais de perto. No entanto, a opção em causa poderá ter sido feita com o intuito de melhor contextualizar o público-alvo em relação a acontecimentos passados (consonância) e isso levou a que o tradutor moldasse a mensagem de forma a que esta passasse a um nível seguinte de publicação.

Assim, o processo de *transediting* acaba por ser não só um processo de tradução, mas também um processo de reaplicação de valores-notícia de uma cultura para outra, em que o tradutor desempenha um papel de mediador cultural e mediático. De um ponto de vista empírico, uma revista como o *Courrier International* não seria possível sem a existência de tradutores, que trabalham em conjunto com jornalistas que selecionam e reveem as traduções, efetuando as alterações textuais necessárias para que o texto funcione como um artigo jornalístico sempre que

essa adaptação se justifica. Abre-se então a porta para a discussão sobre se a presença do tradutor numa redação é necessária. Na minha opinião, e tendo em conta a minha experiência como estagiária e atualmente como tradutora na área dos *media*, esta é uma discussão que deve existir e motivar alguma reflexão, tendo em conta o carácter globalizado dos meios de comunicação na atualidade, mas que no âmbito deste relatório se extingue na natureza da revista em causa, porque sem tradutores, esta não existiria.

O foco da discussão deve estar em dois aspetos, de acordo com a minha experiência: por um lado, no alcance internacional que um meio de comunicação específico quer ter e, por outro, nos conhecimentos linguísticos que um dado jornalista tem para gerir a informação diversa que lhe chega através de fontes internacionais. Entendo que o tradutor, como ponte entre línguas e culturas, deve ser para os *media* como um especialista a quem o jornalista pode e deve recorrer sempre que entender ser necessário para auxiliar o seu trabalho como redator de conteúdos, numa mentalidade de complementaridade de competências profissionais.

5. Referências bibliográficas

- Aktan, O., & Nohl, A.-M. (2010). International trans-editing: typical intercultural communication strategies at the BBC World Service Turkish radio. *Journal of Intercultural Communication*, 24:21. Disponível em <https://www.immi.se/intercultural/nr24/nohl.htm>
- Bani, S. (2006). An analysis of press translation process. *Translation in Global News*, 35–45.
- Bassnett, S. (2005). Bringing the news back home: Strategies of acculturation and foreignisation. *Language and Intercultural Communication*, 5(2), 120–130.
<https://doi.org/10.1080/14708470508668888>
- Bielsa, E., & Bassnett, S. (2008). *Translation in global news*. Routledge.
- Bielsa Mialet, E. (2010). The sociology of translation: outline of an emerging field.
- Branco, S. de O. (2011). An Account of the Functionalist Approach of Translation Applied to Online Journalism. *Translatio*, (2), 51. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/36687>
- Camacho, J. (2011). El redactor-traductor en los grandes medios de comunicación con mercados multilingües: caso CNN. *Zer-Revista de Estudios de Comunicación*. Disponível em <http://www.ehu.eus/ojs/index.php/Zer/article/view/3842>
- Chen, Y.-M. (2011). The translator's subjectivity and its constraints in news transediting: A perspective of reception aesthetics. *Meta: Translators' Journal*, 56(1), 119–144.
<https://doi.org/10.7202/1003513ar>
- Cioca, D. (2013). *Jornalista ou Tradutor? Um estudo das marcas culturais no caso dos ataques terroristas de 22 de Julho de 2011 na Noruega*. Universidade de Coimbra. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/35881>
- Comănesci, C.-F. (2011). News translation as rewriting with a skopos. *The Annals of „Valahia” University of Târgoviște*, (1992), 77.
- Crato, N. (1986). *Comunicação Social - A imprensa: iniciação ao jornalismo* (2ª). Editorial Presença.
- Cruz, X. (2016). *A ética tradutória em contexto jornalístico: um estudo de caso no Observador*. Disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/19985>
- Davies, E. E. (2006). Shifting readerships in journalistic translation. *Perspectives: Studies in Translatology*, 14(2), 83–98. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/09076760608669022>

- De Fontcuberta, M. (1993). *La noticia: pistas para percibir el mundo*.
- Esteves Pereira, J. (1982). *Manual Prático de Jornalismo* (2ª). Editorial Notícias.
- Ferreira, F. M. L. (2015). *O processo tradutório em contexto jornalístico: a tradução e a transedição na redação*. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/15976>
- Ferreira, J. F. A. D. S. (2013). *Tradução e Jornalismo: Uma Conceção da Prática Tradutória Como Reescrita do Texto de Partida*.
- Floros, G. (2012). News translation and translation ethics in the Cypriot context. *Meta: Translators' Journal*, 57(4), 924–942. <https://doi.org/10.7202/1021225ar>
- Gambier, Y. (2006). Transformations in international news. *Translation in Global News*, 9–21.
- Ghignoli, A., & Ortiz Montabes, Á. (2014). La traducción y los géneros periodísticos. *Mutatis Mutandis*, 7(2), 386–400. Disponível em <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/view/19664>
- Gradim, A. (2000). *Manual de jornalismo*. Universidade da Beira Interior/Livros Labcom.
- Hatim, B., & Munday, J. (2004). *Translation: An advanced resource book*. Psychology Press.
- Hernández Guerrero, M. J. (2006). Técnicas específicas de la traducción periodística. *Quaderns: Revista de Traducció*, (13), 125–139.
- Hilário, A. (2014). *Jornalismo e tradução: quando a notícia é produto de dois mundos*. Universidade do Minho. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/33473>
- Hung, E. (2005). *Translation and cultural change: studies in history, norms, and image projection* (Vol. 61). John Benjamins Publishing.
- Hursti, K. (2001). an insider's view on transformation and transfer in international news communication: an english-finnish perspective. *The Electronic Journal of the Department of English at the University of Helsinki*, 1(1), 1–5. Disponível em <http://blogs.helsinki.fi/hes-eng/volumes/volume-1-special-issue-on-translation-studies/an-insiders-view-on-transformation-and-transfer-in-international-news-communication-an-english-finnish-perspective-kristian-hursti/>
- Hurtado Albir, A. (2016). *Traducción y Traductología - Introducción a la Traductología* (Octava Edi). Cátedra.
- Jeanrenaud, M. (2007). La traduction dans les médias roumains: la «mini-crise européenne» de

- février 2003. *Hermès, La Revue*, (3), 133–139.
- Lavault-Olléon, É., & Sauron, V. (2009). Journaliste et traducteur: deux métiers, deux réalités. *ILCEA. Revue de l'Institut Des Langues et Cultures d'Europe et d'Amérique*, (11).
- Linder, D. (2013). La Generación Atrapada: Spain's economic hardships in El País in English and PressEurop EN. *Perspectives*, 1–16. <https://doi.org/10.1080/0907676x.2013.808676>
- Martin Vivaldi, G. (1986). *Géneros periodísticos: reportaje, crónica, artículo, análisis diferencial*. Madrid.
- Martínez Albertos, J. L. (1983). *Curso general de redacción periodística: Periodismo en prensa, radio, televisión y cine. Lenguaje, estilos y géneros periodísticos*. Mitre.
- Mohan, M. (2011). Highlights of Creativity in Translation and Journalism. *The Scientific Journal of Humanistic Studies*, (5), 114–212.
- Molina, L., & Hurtado Albir, A. (2002). Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach. *Meta: Journal Des Traducteurs*, 47(4), 498. <https://doi.org/10.7202/008033ar>
- Orengo, A. (2005). Localising news: Translation and the “global-national” dichotomy. *Language and Intercultural Communication*, 5(2), 168–187. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/14708470508668892>
- Pym, A. (2009). *Exploring translation theories*. Routledge.
- Reiss, K. (2002). La critique des traductions, ses possibilités et ses limites. *Catégories et Critères Pour Une Évaluation Pertinente Des Traductions*.
- Ricardo, D. (1989). *Manual do jornalista*.
- Santos, D. C. G. dos. (2012). *Tradução jornalística em Portugal: contexto atual e perspectivas de futuro*.
- Schäffner, C. (2012). Rethinking Transediting. *Meta: Journal Des traducteursMeta:/Translators' Journal*, 57(4), 866–883.
- Schrijver, I., Van Vaerenbergh, L., & Van Waes, L. (2012). An exploratory study of transediting in students' translation processes. *Hermes, Journal of Language and Communication in Business*, 49, 99–117.
- Traquina, N. (2002). *Jornalismo*. Quimera
- Van Doorslaer, L. (2009). How language and (non-) translation impact on media newsrooms: the case of newspapers in Belgium. *Perspectives: Studies in Translatology*, 17(2), 83–92. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/09076760903125051>

- Vuorinen, E. (1997). News translation as gatekeeping. *Benjamins Translation Library*, 20(January), 161–172.
- Wolf, M. (1987). *Teorias da comunicação*. Presença.
- Zaborras, C. C., & Hernández Guerrero, M. J. (2005). *La traducción periodística*. Univ de Castilla La Mancha.
- Zipser, M. E., & Polchlopek, S. A. (2009). a Interface Tradução-Jornalismo : Uma Nova Experiência. *Eletras*, 18(18), 195–210. Disponível em http://paginapessoal.utfpr.edu.br/silvanaayub/artigos_traducao/A_interface_traducao_jornalismo_uma_nova_experiencia_em_traducao.pdf/at_download/file

9. Índice remissivo

'estrangeirização', 8
acontecimento, 1, 12, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 36, 37, 38
aculturação, 8
amplificação linguística, 6, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62
Amplificação linguística, 14
código icónico, 29
código linguístico, 29
compressão linguística, 6, 44, 45, 46, 54, 56
Compressão linguística, 14
elisão, 6, 45, 47, 48, 49, 51, 59
Elisão, 14
gatekeeping, 5, 6, 9, 10, 11, 65, 70
géneros argumentativos, 24, 37
géneros informativos, 24, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 63
géneros interpretativos, 24, 37, 63
géneros jornalísticos, 2, 6, 23, 24, 32, 33, 34, 35, 41, 63
géneros textuais, 33
interface tradução-jornalismo, 18, 19
localização, 5, 12
readership, 21
Skopos, 7
transediting, 2, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69
transediting cultural, 7, 14, 43, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 61, 64
transediting de correcção, 7
transediting situacional, 7, 15, 43, 44, 45, 46, 49, 51, 52, 56, 60, 61, 62, 64
valor-notícia, 23